



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO, ATUÁRIA E
CONTABILIDADE
CURSO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS

BARBARA NAYARA ALVES SALES

A ECONOMIA DO CUIDADO - UM ESTUDO SOBRE O
COMPORTAMENTO DE PROFISSIONAIS DO ENSINO SUPERIOR COM TEMPO
EMPENHADO EM TRABALHO NÃO PAGO NA CIDADE DE FORTALEZA

FORTALEZA – CEARÁ

2022

BARBARA NAYARA ALVES SALES

A ECONOMIA DO CUIDADO - UM ESTUDO SOBRE O COMPORTAMENTO
DE PROFISSIONAIS DO ENSINO SUPERIOR COM TEMPO EMPENHADO EM
TRABALHO NÃO PAGO NA CIDADE DE FORTALEZA

Monografia do Curso de Ciências
Econômicas da Faculdade de Economia,
Administração, Atuária, Contabilidade e
Secretariado Executivo apresentado como
requisito parcial para obtenção do Título de
Bacharel em Ciências Econômicas.

Orientadora: Profa. Dra. Inez Silvia
Batista Castro.

FORTALEZA

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S155e Sales, Barbara Nayara Alves.

A economia do cuidado - um estudo sobre o comportamento de profissionais do ensino superior com tempo empenhado em trabalho não pago na cidade de Fortaleza / Barbara Nayara Alves Sales. – 2022.
63 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Economia, Administração, Atuária e Contabilidade, Curso de Ciências Econômicas, Fortaleza, 2022.

Orientação: Profa. Dra. Inez Sílvia Batista Castro.

1. Care Economy . 2. Economia do Cuidado . 3. Mercado de Trabalho Feminino . 4. Mercado de trabalho . 5. Economia Comportamental. I. Título.

CDD 330

BARBARA NAYARA ALVES SALES

A ECONOMIA DO CUIDADO - UM ESTUDO SOBRE O COMPORTAMENTO
DE PROFISSIONAIS DO ENSINO SUPERIOR COM TEMPO EMPENHADO EM
TRABALHO NÃO PAGO NA CIDADE DE FORTALEZA

Monografia apresentada ao Curso de Ciências Econômicas da Faculdade de Economia, Administração, Atuária, Contabilidade e Secretariado Executivo da Universidade Federal do Ceará como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Ciências Econômicas.

Aprovada em: 16/12/2022.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Inez Silvia Batista Castro (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Jacqueline Franco Cavalcante
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Ms. Alfredo José Pessoa de Oliveira
Universidade Federal do Ceará (UFC)

À guerreira que lutou por mim até depois do fim.

AGRADECIMENTOS

Com 19 anos eu tomei a decisão de me aventurar pelo meu sonho e encontrei a Economia como fiel escudeira de jornada, os últimos anos tiveram uma montanha russa de sentimentos e emoções. Cresci e amadureci bastante e agora com 25 anos eu posso ver que jornada bonita acabei trilhando.

Gostaria de começar meus agradecimentos pela minha mãe, Silvana Sales, que nunca desistiu de mim, sempre foi minha fã número 1 e que mesmo de longe ainda sinto a influência dela em todas as minhas decisões, obrigada por ter me proporcionado o que hoje posso chamar de meu e com orgulho, obrigada por ter sido tão perseverante no seu sonho e que me fez lutar ainda com mais garra pelo meu. Em seguida, minha tia, Claudiane Regia, que abraçou meu mundo caótico como se fôssemos as únicas na face da terra, que não me deixou desistir nenhuma vez e muito menos me deixou sozinha quando eu mais queria sumir, sem a senhora isso aqui não seria possível.

Aos amigos que conheci durante a graduação e que levarei para o resto da vida com muito carinho, em especial Ítalo Lima, que foi meu parceiro desde o momento que nos encontramos, por todas as madrugadas que passamos revisando matéria, por cada risada e por cada desabafo lá na Fabi, você foi essencial para me manter nos trilhos do caminho certo. Amanda Sousa que foi a caixinha de surpresa que encontrei na metade do curso e que foi peça chave para completar o tripé macroeconômico (que dará a volta ao mundo). Leandro Moraes, Priscila Clarissa, Natanael Ferreira, Heitor Gentil, obrigada por tudo e por toda parceria que criamos com o passar dos anos.

Henrique Schmidt, a quem tenho o prazer de chamar de melhor amigo, que voo junto comigo em momentos de extrema necessidade e que me ajudou mais do que se possa imaginar, isso tudo não existiria sem o seu apoio diário.

Ao corpo docente do curso de Ciências Econômicas, em especial minha orientadora Inez Castro que foi de um suporte absoluto desde que cruzamos caminho lá em Macroeconomia I e que abraçou a ideia desse projeto com tanto carinho, obrigada pelo apoio e ajuda durante os anos, seus conselhos sobre vida, estudo, trabalho, me nortearam absurdamente. Agradeço também pela disponibilidade da banca composta pelos professores, Jacqueline e Alfredo, por terem aceitado o convite e fazerem parte deste momento tão importante e colaborarem com este marco final da graduação, obrigada também pelo apoio e excelência com as aulas durante o curso, é um prazer concluir este capítulo junto com vocês.

“If you ever look behind, and don’t like what you find. There’s something you should know, you’ve got a place to go”.

Ben – Michael Jackson

RESUMO

Economia do cuidado é uma linha de estudo que perpassa inúmeros campos, entre eles: Psicologia, Economia e Mercado de Trabalho. Este estudo tem, como principal objetivo, analisar o comportamento dos membros do corpo docente da Universidade Federal do Ceará em relação ao tempo desempenhado com atividades de trabalho não pago, como elas são divididas dentro de casa. O método utilizado foi de estatística inferencial e os resultados serão demonstrados através de gráficos comparativos entre os gêneros dos participantes. Foi possível perceber com a amostra estudada que homens e mulheres que possuem parceiros(as) ou cônjuges dividem as tarefas domésticas entre si e não existe sobrecarga apenas para uma pessoa por residência. O cuidado ainda é tratado como uma atividade rotineira para a maioria das pessoas, e com esse pensamento foi possível notar um padrão rígido para terceirização desses serviços, principalmente quando envolve um familiar que necessita de ajuda, o dever de retribuir o que foi dado durante os anos atrapalha o desenvolvimento e conhecimento da importância do *care* ao redor do mundo.

Palavras-chave: *Care Economy*, Economia do Cuidado, Mercado de Trabalho Feminino, Mercado de trabalho, Economia Comportamental.

ABSTRACT

Care economy is a line of study that cuts across numerous fields, including: Psychology, Economics and the Labour Market. This study has, as its main objective, to analyze the behavior of the faculty members of the Federal University of Ceara in relation to the time performed with unpaid work activities, how they are divided within the home. The method used was inferential statistics and the results will be demonstrated through comparative graphs between the genders of the participants. It was possible to perceive with the sample studied that men and women who have partners or spouses divide the domestic chores among themselves and there is no overload for only one person per residence. Caregiving is still treated as a routine activity for most people, and with this thought it was possible to notice a rigid standard for outsourcing these services, especially when it involves a family member who needs help, the duty to repay what was given over the years hinders the development and knowledge of the importance of care around the world.

Keywords: Care Economic, Female Labour Market, Labour Market, Behavioural Economics.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1	- Tempo diário, em minutos, dedicado ao trabalho de cuidado no ano de 2019.....	24
Gráfico 2	- Na ausência de familiares, quem deveria ser o principal responsável pelo cuidado com pessoas que precisam de ajuda.....	27
Gráfico 3	- Você gostaria de contratar um profissional para cuidar de uma pessoa dependente?.....	28
Gráfico 4	- Motivo para não contratar um profissional para cuidar da pessoa deficiente.....	29
Gráfico 5	- Qual o principal motivo para não ocorrer a contratação de um profissional?.....	29
Gráfico 6	- Nível de ocupação das pessoas de 25 a 49 anos de idade, no Brasil em 2019, com ou sem crianças de até 3 anos vivendo no domicílio (%).....	32
Gráfico 7	- Brasil: Média de horas semanais dedicadas a cuidados de pessoas e/ou afazeres domésticos por pessoas de 14 anos ou mais, dividido por cor ou raça - 2019.....	35
Gráfico 8	- Quantidade relativa de autores que assinam manuscritos submetidos à revista DADOS por trimestre (2016 - 2020).....	41
Gráfico 9	- Participação por gênero.....	43
Gráfico 10	- Faixa etária dos participantes.....	44
Gráfico 11	- Quantas pessoas moram na sua residência?.....	46
Gráfico 12	- Quantas pessoas dependentes menores de 24 anos moram na sua residência?.....	47
Gráfico 13	- Possui ajuda remunerada para auxiliar com os cuidados dos dependentes menores de 24 anos?.....	48
Gráfico 14	- Quantas pessoas dependentes maiores de 60 anos morando na sua residência?.....	49
Gráfico 15	- Quantas PPDs (Pessoa Portadora de Deficiência - todas as idades -) ou pessoas temporariamente vulneráveis* (entre 25 e 59 anos) moram na sua residência?.....	49
Gráfico 16	- Seu/Sua parceiro(a) divide as atividades domésticas com você?.....	51

Gráfico 17	- Possui ajuda remunerada para auxiliar nas tarefas de domésticas?.....	53
Gráfico 18	- Com que frequência você possui ajuda remunerada para auxiliar nas tarefas de casa?.....	53
Gráfico 19	- Quem é o principal responsável pela Economia do Cuidado na sua residência?.....	55
Gráfico 20	- Quanto tempo por semana você gasta, em média, fazendo serviços domésticos não pagos?.....	55
Gráfico 21	- As atividades não remuneradas listadas na questão anterior são desempenhadas.....	56
Gráfico 22	- Quais atividades de cuidado não remuneradas você desempenha dentro e fora de casa?.....	57
Gráfico 23	- Quando você adoecer, quem desempenha as funções de cuidado não remunerado que são de sua responsabilidade em casa?.....	58

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	-	Taxa de realização de tarefas de cuidados de moradores do domicílio, por sexo e nível de instrução das regiões do Brasil – 2016 a 2019.....	34
Tabela 2	-	Variáveis levadas em consideração para elaboração da pesquisa.....	45
Tabela 3	-	Distribuição de ajuda remunerada de acordo com o gênero.....	50

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

IPEA	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
PIB	Produto Interno Bruto
OIT	Organização Internacional do Trabalho
POF	Pesquisa de Orçamentos Familiares
RGPS	Regime Geral de Previdência Social
EAD	Ensino a Distância
UFC	Universidade Federal do Ceará
FEAAC	Faculdade de Economia, Administração, Atuária e Contabilidade
CH	Centro de Humanidades

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	15
2. REVISÃO DA LITERATURA.....	18
2.1 Economia do Cuidado.....	18
2.2 A Visão Internacional Sobre a Economia do Cuidado.....	20
2.3 A Relação do Cuidado com o PIB nacional.....	24
2.4 A importância de políticas públicas nacionais voltadas para o cuidado.....	27
3. DADOS ESTATÍSTICOS NACIONAIS SOBRE A ECONOMIA DO CUIDADO.....	31
3.1 Gênero e Economia do Cuidado.....	31
3.2 Mulheres chefes de família.....	37
3.3 A trajetória feminina no mundo acadêmico durante o pico da pandemia da COVID-19.....	39
4. METODOLOGIA.....	42
4.1 Base de Dados.....	42
5. RESULTADOS.....	45
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	59
REFERÊNCIAS.....	61

1. INTRODUÇÃO

O trabalho de cuidado envolve muitas horas e tempo dedicado ao cuidado com a casa e com pessoas: dar banho fazer comida, faxinar a casa, comprar os alimentos que serão consumidos, cuidar das roupas, prevenir doenças com boa alimentação e higiene em casa e remediar quando alguém fica ou está doente, fazer café da manhã, almoço, lanches e jantar para os filhos, educar e isso se segue por horas a fio. (OLGA, 2020, p.03).

A citação acima lista apenas algumas, das inúmeras, atividades comuns do dia a dia de qualquer mulher ao redor do mundo. A priorização do cuidado com a família e com o próximo é um conceito enraizado de anos e anos de história (DA SILVA et al., 2005). A atual pandemia, o coronavírus SARS-CoV (COVID-19), trouxe à luz o malabarismo que muitas mulheres se submetem ao equilibrar, entre carreira de sucesso, família saudável e bem-estar, e, mesmo com a pouca atenção na qual é tratada, a economia do cuidado, desenvolvida em sua boa parte por esta parcela da população, é possível notar uma pequena comoção em sites e reportagens brasileiros sobre o tema *Care Economy* e seus efeitos na economia em geral (FERNANDES, 2022).

Se procurar pela palavra “cuidado” em qualquer buscador online é possível perceber associações com: ajudar o próximo, amor, afeto, compaixão, zelar pelo bem-estar e, acima de tudo, família, a base de todo e qualquer conceito sobre a responsabilidade que devemos ter para com terceiros. Segundo GUIMARÃES e HIRATA (2020)¹, o conceito da palavra “cuidado” é muito relativo ao redor do mundo, ele pode ser alterado e moldado de acordo com a sociedade na qual é inserido ou estudado. As autoras trazem uma significação polissêmica para o termo, fazendo comparações dos desdobramentos da palavra pelo mundo anglo-saxão, europeu e latino-americano.

A importância do tema “cuidado” tornou-se cada vez mais relevante devido à compreensão do termo para a Economia, principalmente no quesito de desigualdade no mercado de trabalho ao redor do mundo, mas, assim como os vários significados da palavra,

¹ Nadya Araujo Guimarães e Helena Sumiko Hirata, “O Gênero do Cuidado – Desigualdades, Significações e Identidades”, Capítulo 1

sua relevância e ramos foram se expandindo com o decorrer dos anos. Segundo SORJ e FONTES (2012, p. 105)²:

O debate sobre o *care* vem se realizando no Brasil em um contexto de mudanças sociais que afetam o modelo tradicional de família, embora os arranjos sociais e econômicos das famílias venham sendo apenas parcialmente transformados. A principal mudança social se refere à crescente participação das mulheres no mercado de trabalho que alterou o padrão de família constituído por um provedor masculino e uma cuidadora feminina.

Com o intuito de contribuir para o debate e para a formulação de políticas no campo dos cuidados, o projeto Economia dos Cuidados, desenvolvido pelo IPEA, tem procurado avançar nas reflexões sobre como esse sistema de organização dos cuidados limita as possibilidades de participação social das mulheres e estrutura diversos aspectos da sociedade brasileira. Tais reflexões tornam-se ainda mais relevantes em um contexto social e demográfico que indica, entre outras coisas, um envelhecimento significativo da população brasileira – ampliando-se a demanda por cuidados para população idosa – e redução do trabalho doméstico remunerado.

É neste contexto que se desenvolve esta pesquisa. A ideia é revelar o conceito de economia do cuidado, sob diversas óticas. O principal objetivo desta pesquisa é entender o comportamento de profissionais do nível superior do estado do Ceará quanto ao trabalho não remunerado prestado em casa e/ou para terceiros, esperando comprovar o que a teoria sobre a Economia do Cuidado demonstra desde 2000, quando Sandra Laugier, Pascale Molinier e Patrici Paperman deram início à escola francesa do *care* (GUIMARÃES e HIRATA, 2020). Ou seja, espera-se que o resultado mostre que, independentemente do seu título acadêmico, o cuidado é, majoritariamente, responsabilidade das mulheres, sendo elas chefes de família ou não.

Para este fim, a metodologia utilizada do presente trabalho será por meio de estatística descritiva analisada por formulário aplicado entre professores dos cursos de Administração, Ciências Atuariais, Ciências Contábeis, Ciências Econômicas, Finanças, Secretariado Executivo, Biblioteconomia, Ciências Sociais, História, Letras, Letras – Libras, Letras Espanhol, Letras Inglês, Psicologia, Licenciatura Intercultural Indígena das Etnias Pitaguary,

² A partir do capítulo 6 do livro “Cuidado e Cuidadoras: A Várias Faces do Trabalho do *Care*”, uma coletânea desenvolvida pela Organização de Helena Hirata e Nadya Araújo Guimarães em 2012, as autoras Bila Sorj e Adriana Fontes falam sobre o *care* como um regime estratificado.

Tapeba, Kanindé de Aratuba, Jenipapo-Kanindé e Anacé – LII PITAKAJÁ e Licenciatura Intercultural Indígena Kuaba da Universidade Federal do Ceará, comparando os resultados com estudos e demonstrações divulgados pelo IBGE.

O estudo a seguir será dividido em três seções, nas quais: a primeira irá definir a economia do cuidado, como ela é medida no Brasil e em alguns lugares ao redor do mundo, qual a sua relação com o PIB e o que é considerado economia do cuidado pelos organismos internacionais; a segunda será um levantamento com dados ao redor do país e do mundo, como, por exemplo, quantos homens e mulheres se dedicam a tarefas domésticas, quantos lares são administrados apenas por mulheres, segundo o IBGE; e a terceira seção trará os resultados e discussões sobre o proposto no objetivo geral desta pesquisa conforme mencionado anteriormente.

2. REVISÃO DA LITERATURA

Neste capítulo será discutido o conceito de Economia do Cuidado, como ele é retratado no Brasil e no mundo, como é mensurado, o que os organismos internacionais consideram como *Care* e qual a sua relação com o PIB.

Para consolidar as informações e discussões trilhadas durante o capítulo, serão demonstrados dados e pesquisas divulgadas pelo IBGE, no caso do cenário brasileiro, e da Organização Internacional do Trabalho (OIT), no caso do cenário mundial, para comparação de informações.

2.1 Economia do Cuidado

O cuidado sempre foi um conceito enraizado na sociedade desde o início das primeiras civilizações, quando o homem da caverna ia em busca da caça, pesca e formas de defender o seu lar, enquanto a mulher procurava um meio de criar um ambiente confortável para sua família. Com isso, foi-se criando a responsabilidade feminina para com o lar, de forma que envolvia atividades como: limpar a casa, cozinhar, criar os filhos, ajudar nas atividades internas da aldeia, todo tipo de trabalho que, durante muito tempo, foi desconsiderado como relevante para cálculos econômicos. O conceito de cuidado não é, como há muito se pensa, simplesmente uma preocupação com os outros ou uma preocupação especificamente feminina, mas uma questão política crucial que atravessa a experiência diária da maioria das mulheres.

Com o passar dos anos e a necessidade de evolução do ser humano ao redor do mundo, foi-se criando significados diferentes e únicos para a palavra cuidado, segundo as sociólogas Sorj e Fontes (2012, p. 103)³:

Concebido, até pouco tempo atrás, como um assunto privado das famílias como atributo inscrito na identidade feminina, o cuidado com a família foi, gradativamente, dependendo dos contextos sociais, ganhando o estatuto de uma questão social a ser assumida, mesmo que parcialmente, pela esfera pública.

Mesmo sendo considerado, hoje, um dos valores fundamentais para o bem-estar do ser humano, a essência do cuidado e a importância de atenção de políticas públicas voltadas para o

³ Idem

tema é um assunto recente em comparação com outras discussões da literatura. Em meados da década de 1980, a psicóloga CAROL GILLIAN (1982) trouxe o assunto à tona para a comunidade acadêmica nos Estados Unidos. Ela foi a primeira de muitas a colocar os holofotes sobre o verdadeiro significado do *care*⁴. A partir daquele momento, foi possível envolver áreas como sociologia, ciência do trabalho, economia e ciências públicas, ética e psicologia em uma discussão sobre o futuro da população e a forma como o cuidado seria moldado no decorrer dos anos. Na França, apenas nos anos 2000, é possível perceber as primeiras comoções sobre o *soin*⁵, o que gerou a necessidade do surgimento da escola francesa do *care* com precursoras como Sandra Laugier, Pascale Molinier e Patricia Paperman.

Com a migração das discussões sobre o tema para o âmbito político, foi possível perceber o crescimento das críticas, principalmente envolvendo uma preocupação puramente intelectual e feminina, glorificando vulnerabilidades e dependência em relação ao desempenho e autonomia, em relação ao âmbito privado e íntimo e não ao âmbito público e político, além de arriscar a distração de conceitos mais úteis para a ação social e política, tais como solidariedade, justiça ou igualdade (DIAZ, 2011).

O cuidado vai muito além do dever que a sociedade impõe à mulher. Atualmente, ele tem ramificações entre atividades diretas e indiretas, remuneradas ou não, e deixou de ser um assunto de casa para se tornar um assunto público. Desta forma, a necessidade, ao redor do mundo, de políticas públicas que defendam o direito de proporcionar cuidado ao próximo e criar um ambiente neutro para a questão do gênero, que ainda rodeia o tema com bastante intensidade, ganhou espaço.

Após Gillian, aparece Fisher e Tronto (1990), duas sociólogas que chegam para definir o *care* como uma atividade. Para isso, há uma divisão em, basicamente, quatro fases importantes:

1. Consiste em reconhecer que existe uma necessidade, que mobiliza atenção (ou seja, mostra preocupação), solicitude e empatia (ir atrás de uma solução) para com a pessoa vulnerável;

⁴ Quando houver menção ao termo *care*, durante o texto, significa uma visão mais ampla e internacional comentada e conceituada por boa parte das estudiosas do caso, quando houver menção ao termo 'cuidado' significa uma noção mais nacional.

⁵ Termo retirado do livro O Gênero do Cuidado – Desigualdades, Significações e Identidades: “[...] *soin*, tem uma conotação terapêutica que seria redutora dos sentidos que analiticamente se quer reter”.

2. Decidir responder à necessidade identificada e organizar a resposta (buscar formas de atender à necessidade), o que mobiliza o senso de responsabilidade para com a pessoa vulnerável;
3. Cuidar da pessoa vulnerável (doar tempo e determinação para dar início a atividade) por meio de um trabalho concreto com ela;
4. Verificar com a pessoa vulnerável se as suas necessidades foram devidamente identificadas e se a resposta foi organizada e realizada (para receber cuidados), o que, novamente, requer atenção, empatia e solicitude.⁶

É a complexidade sutil deste trabalho que explica as dificuldades em traduzir a palavra *care*. Todas essas dimensões devem estar presentes para que o suporte seja de qualidade. Em suma, o termo cuidado expressa muito além do sentimento de preocupação, que nasce involuntariamente quando existem pessoas ao redor que dependem uma das outras. Além da significação etérea da palavra, é possível notar uma grande comoção na necessidade de regularização dos especialistas do cuidado, que podem ir de professores do jardim de infância a enfermeiros, a divisão entre trabalho pago e não pago, quais setores da economia podem ser afetados quando a população feminina começa a ter presença concreta e resiliente no mercado de trabalho e quais as consequências dessas escolhas. Esses são só alguns dos temas discutidos pela atualidade, mas que, ainda assim, não são atribuídos a eles a relevância devida.

2.2 A Visão Internacional Sobre a Economia do Cuidado

O trabalho de prestação de cuidados é economicamente valioso, como será demonstrado nos tópicos a seguir deste capítulo, mas globalmente desvalorizado. Nos Estados Unidos, por exemplo, as contribuições relacionadas com a economia da prestação de cuidados ascendem a 648 milhões de dólares, anualmente. Em nível mundial, se os trabalhadores de cuidados não remunerados ganhassem um salário-mínimo, acrescentariam quase 11 bilhões de dólares por ano à economia global (BARNES, 2022).

Segundo estudo publicado em 2016 pela Estratégia de Igualdade de Gênero do Governo Vitoriano da Austrália, foi confirmado que as mulheres vitorianas realizam quase o dobro do trabalho não remunerado do que os homens - e este desequilíbrio só foi reforçado em 2020.

⁶ Os termos em inglês utilizados para a autora foram: *to care about* traduzido para mostra preocupação, *to care for*, traduzido para ir atrás de uma solução, *to care of* traduzido para buscar formas de atender á necessidade, *to give care* traduzido doar seu tempo e determinação para dar início a atividade e por último *to receive care* traduzido para receber cuidados

Para corroborar com as informações divulgadas pelo Governo de Victoria, a Universidade de Monash desenvolveu em 2018, na cidade de Melbourne, o Centro de Pesquisas de Prevenção à Violência de Gênero e Familiar da Faculdade de Sociologia (MONASH, 2018), segundo pesquisas realizadas com mulheres durante a pandemia do coronavírus, um dos maiores impactos sobre a comunidade feminina foi que as mulheres tornaram-se um tipo de "amortecedores de choque" durante o *lockdown* da COVID-19, entre cuidar da carreira, casa, família e bem-estar de familiares de alto risco que não moravam na mesma residência, o ensino à distância e a perda dos serviços formais e informais de acolhimento de crianças e de apoio ao agregado familiar levaram a um grande aumento do trabalho não remunerado durante os *lockdowns*. Este trabalho não remunerado foi desproporcionalmente suportado pelas mulheres. O trabalho de cuidados não remunerados em Victoria - incluindo o trabalho doméstico, cuidados a doentes, deficientes e idosos, cuidados a crianças e trabalho voluntário - valeu 206 bilhões de dólares em 2017-18, ou o equivalente a metade do PIB de Victoria. (LIGHTFOOT et. al, 2021).

O tópico “cuidado” tornou-se relevante a ponto de existir um painel específico para discussões durante a Reunião Anual do Fórum Econômico Mundial, em dados levantados em 2021 pelo Governo da Colômbia, assim como os outros países ao redor do mundo confirmam que a economia do cuidado tem um impacto significativo no PIB de um país. Durante os últimos dois anos, o impacto avaliado pela pandemia da COVID-19 é relevante em várias indústrias produtivas da economia global, mas a economia da prestação de cuidados, um setor profundamente afetado pelos lockdowns, não recebeu atenção suficiente segundo dados mundiais divulgados pelo *We Forum* (ORTIZ, 2022).

Um dos primeiros testes de cálculos sobre o impacto da Economia do Cuidado diretamente no PIB, foi realizado na Colômbia. Dez anos após a primeira medição, o boletim técnico de 2020 revelou que a economia de cuidado equivaleria a cerca de 20% do PIB colombiano, que em 2014 ultrapassou os 380 milhões de dólares. Sob esta leitura, a economia do cuidado ficaria acima dos setores financeiro e agrícola no ranking do produto interno bruto. Embora estes números sugiram que a economia da prestação de cuidados desempenha um papel essencial nas atividades diárias colombianas, muitas destas tarefas não são reconhecidas como produtivas nem consideradas trabalho. A importância deste setor invisível na sociedade colombiana sugere uma oportunidade para retirar a economia dos cuidados de um mero círculo familiar e transformá-la numa indústria produtiva formal (ORTIZ, 2022).

Mais um exemplo internacional a ser levado em consideração é o da Economia Canadense, que passou a se concentrar nas questões caseiras, tomando medidas para remover

as barreiras relacionadas com os cuidados que impedem as mulheres de participar plenamente na força de trabalho. Por exemplo, um sistema canadense de aprendizagem precoce e de cuidados infantis garantirá que todas as famílias tenham acesso a aprendizagem precoce e cuidados infantis de alta qualidade, acessíveis, flexíveis e inclusivos, independentemente do local onde vivam, mostrando que políticas públicas precisam ser eficazes para que seja possível a criação de um processo dinâmico e ativo do cuidado. Para combater as desigualdades em nível internacional, a programação de cuidados apoiada pelo Canadá visa melhorar a capacidade das mulheres de fazerem parte da economia, da educação e da vida pública (OCHA, 2022).

A prestação de cuidados é essencial para o bem-estar humano e o crescimento econômico sustentável, mas muitas vezes é negligenciada e subvalorizada. De acordo com a OIT, 16,4 milhões de horas por dia são gastas em trabalho não remunerado de prestação de cuidados. Isto equivale a 11 bilhões de dólares ou 9% do PIB mundial. Os dados da OIT mostram que, globalmente, as mulheres com 15 anos ou mais gastam em média 3,2 vezes mais do que os homens em tarefas domésticas, e até mesmo 4,7 vezes mais em algumas regiões. Isto restringe as oportunidades que as mulheres, jovens e adultas têm para a educação, emprego, envolvimento político e social, bem como lazer. Afeta a sua saúde e aprofunda a sua vulnerabilidade à pobreza. Os desafios associados ao trabalho não remunerado e remunerado de cuidados são agravados em contextos frágeis e durante períodos de crise. A pandemia da COVID-19 expôs a natureza essencial do trabalho de cuidados e exacerbou a desigualdade de gênero que lhe está associada. O encerramento de escolas e centros de cuidados infantis, as doenças familiares e a sobrecarga dos serviços de saúde fizeram aumentar a pressão do trabalho não remunerado e remunerado de prestação de cuidados a mulheres (OCHA, 2022).

Segundo informações divulgadas pela OIT, o cuidado está facilmente se espalhando pelo mundo como forma de atividade remunerada ou não. Porém, essa fácil absorção não torna o processo menos desigual no quesito gênero, fazendo com que a população feminina continue sobrecarregada com as fases, definidas por Tronto (1990), para desenvolver a atividade.

Para a OIT, o cuidado é dividido em **dois tipos diferentes**: o primeiro seria o **cuidado direto**, que pode ser conhecido também como cuidados de nutrição, envolvendo ajuda na alimentação de um bebê, realização de exames médicos, ajuda para uma pessoa idosa tomar banho, cuidado com o cônjuge doente ou, até mesmo, ensinar crianças pequenas. Enquanto isso, o segundo ponto estaria conectado as **atividades indiretas**, que não envolvem, necessariamente, um contato físico e pessoal com outra pessoa, como, por exemplo, limpar, cozinhar, lavar roupas, arrumar a casa e realizar as tarefas de manutenções domésticas em

gerais.

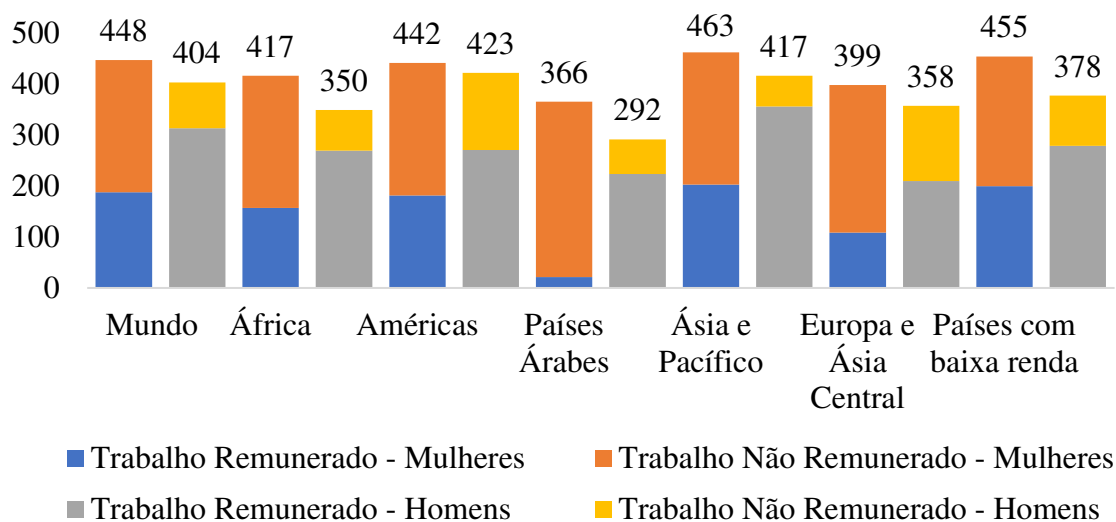
Além desses termos, existe também a possibilidade, como já comentado anteriormente, deste tipo de trabalho ser ou não remunerado:

O trabalho de cuidado não remunerado consiste em cuidar de pessoas ou realizar trabalho doméstico sem receber em troca uma compensação monetária explícita. A maior parte do trabalho de cuidado não remunerado em quase todas as sociedades ocorre em casa e geralmente é realizado por mulheres e meninas. No entanto, os cuidadores não remunerados também cuidam de pessoas fora de suas famílias, tais como amigos, vizinhos e membros da comunidade, e dentro de várias instituições numa forma voluntária. O trabalho de cuidado remunerado é o realizado para fins de remuneração ou de lucro ou ganho em uma gama variada de locais, tais como casas particulares. (como no caso de trabalhadores domésticos) e hospitais públicos ou privados, clínicas, lares, escolas e outras instalações de cuidados. (OIT, 2019, p. 31).

Segundo estudo comparativo⁷, realizado em 2019 pelas sociólogas Nadya Araújo Guimarães e Helena Hirata, para a Organização Internacional do Trabalho, foram utilizados dados de 64 países e pode-se perceber no gráfico a seguir (Gráfico 1) que as mulheres ainda lideram o mercado de trabalho não remunerado, principalmente nos países árabes. Foi possível apurar também que as mulheres passam, em média, 4 horas e 25 minutos por dia no exercício de atividades de cuidado ao redor do mundo em comparação com 1 hora e 23 minutos diários dos homens.

⁷ *El Trabajo de Cuidados y Los Trabajadores Del Cuidado Para um Futuro con Trabajo Decente* (OIT, 2019)

Gráfico 1 - Tempo diário, em minutos, dedicado ao trabalho de cuidado no ano de 2019



Fonte: Elaboração própria a partir de dados da pesquisa El Trabajo de Cuidados y Los Trabajadores Del Cuidado/OIT (2019)

2.3 A Relação do Cuidado com o PIB nacional

Para que seja possível medir a saúde de um país, estado, cidade ou região é necessário fazer um somatório de todos os bens e serviços finais produzidos nesta área em determinado período. Este conceito é conhecido mundialmente como PIB e por meio dele é possível fazer comparações de desenvolvimento ao redor do mundo e análises de situações *per capita* (que é a divisão do PIB pelo número de habitantes) (IBGE, 2022).

O cuidado, em especial o cuidado não pago, atualmente, não é um fator para cálculo do PIB nacional e não chega a entrar como variável na Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF), desenvolvida pelo IBGE, na qual:

Avalia as estruturas de consumo, de gastos, de rendimentos e parte da variação patrimonial das famílias, oferecendo um perfil das condições de vida da população a partir da análise dos orçamentos domésticos. Além das informações diretamente associadas à estrutura orçamentária, várias características dos domicílios e das famílias são também investigadas, incluindo a autoavaliação subjetiva sobre qualidade de vida. Os resultados da pesquisa possibilitam, ainda,

estudar a composição dos gastos das famílias segundo as classes de rendimentos, as disparidades regionais, as situações urbana e rural, a difusão e o volume das transferências entre as diferentes classes de renda, bem como a dimensão do mercado consumidor para grupos de produtos e serviços. A pesquisa tem como unidade de investigação o domicílio e é realizada por amostragem. (IBGE, 2015, p. 03).

Ao todo, considerando apenas as estimativas sobre trabalhos não remunerados, divulgadas pela OIT, as mulheres realizam cerca de 16,4 bilhões de horas trabalhadas diariamente. Este dado considera 76,2% de todas as mulheres ao redor do mundo. Levando em consideração que todo esse trabalho poderia ser remunerado, com base em um salário-mínimo global, o rendimento representaria aproximadamente 9% do PIB mundial. Em termos absolutos, essa informação torna-se uma variável de extrema importância e relevância para termos econômicos.

Ademais, as mulheres também representam a maior parte dos trabalhadores remunerados na categoria de cuidado, que integram 11,5% do total dos empregos em todo o mundo. Apenas nesta categoria, as mulheres são 65,4% (ADDATI et. al, 2018), enquanto homens representam menos de 35%.

Cerca de quase 40% do PIB brasileiro, em 2016, estariam comprometido em atividades como limpeza, cuidado de criança e auxílio a pessoas idosas, cozinhar e cuidados básicos do dia-a-dia, se fossem, de fato, contabilizados nas demonstrações apuradas pelo IBGE (ONU MULHERES, 2017), levando em consideração que esse percentual é um valor calculado superficialmente de acordo com as proporções do PIB de 2016, pela falta de informações, no Brasil, referentes a Economia do Cuidado as previsões e suposições que são expostas durante este capítulo não podem ser consideradas como dados válidos e calculáveis, para essa informação seria necessário um estudo mais específico para entender e interpretar os indicadores reais. Em comparação com dados nacionais e outras atividades que compõem o PIB, a economia do cuidado pode ser mais significativa do que, por exemplo, a indústria manufatureira, que representa quase 21% da economia brasileira (STARSOFT, 2020), ou, até mesmo, o setor comercial de exportações de mercadorias que, em 2021, cresceu 36% (IEL, 2021).

Em termos de serviços públicos e infraestrutura, os trabalhos de cuidado não remunerado e doméstico, que suprem uma grande carência, são, em sua esmagadora maioria, realizados apenas por mulheres. Basicamente, por não haver remuneração e aumentar a carga

física e psicológica de trabalho para o gênero feminino, erguem-se barreiras injustas para a equidade de participação no mercado de trabalho e a igualdade em consideração à remuneração. Para modificar o cenário, é necessário que haja atualizações de normas para impulsionar as pessoas que desempenham essas tarefas. Além disso, também é preciso um maior investimento para a decência do trabalho e o aumento da remuneração no quesito de economia de cuidado (ONU MULHERES, 2017).

Com base nesta ideia de invisibilidade dos trabalhos de cuidado que acontecem diariamente, a cidade de Belém (PA) foi escolhida pela ONU Mulheres Brasil - em parceria com a *Open Society Foundations*, com início a partir de maio de 2022 e término previsto para agosto de 2024 - para a criação do primeiro sistema integrado de cuidado do país, com objetivo de compreender as particularidades e nuances da Economia do Cuidado. O investimento inicial gira em torno de 700 mil reais e, entre os seus objetivos, está a possibilidade de reestruturar a ergonomia do cuidado, distribuindo as responsabilidades entre homens, mulheres e gestão pública (VIECELI, 2022).

Sem surpresas, com as informações já supracitadas, as mulheres são, historicamente, as pessoas das famílias que mais assumem as tarefas de cuidado, em um cenário que envolve remuneração e, até mesmo, no que não há qualquer tipo de incentivo financeiro. O cenário é o mesmo no que diz respeito ao trabalho de forma exclusiva e/ou jornada extra. Segundo dados apresentados em pesquisas do IBGE, as mulheres dedicam cerca de 73% a mais de tempo com serviços domésticos e tarefas de cuidado do que os homens após o término do trabalho formal. Desta forma, o cansaço e o desgaste são, em termos básicos, maiores para o gênero feminino. O projeto da ONU na capital paraense foca em, ao menos, reduzir esta desigualdade. Para isso, a iniciativa busca o desenvolvimento de um sistema de cuidados integrado, fazendo com que creches e outras instituições de assistências nas áreas de educação e saúde, trabalhem de forma conjunta (VIECELI, 2022).

A importância e a urgência de entender que a Economia do Cuidado é, sem dúvidas, um assunto fundamental para o desenvolvimento econômico, afinal como falar em uma sociedade desenvolvida sem amparo aos vulneráveis e com desigualdade de remuneração entre gêneros? Cuidado não só contribui para a economia tradicional, mas também é importante para o bem-estar dos seres humanos que estão gerindo o desdobramento de uma sociedade.

Em termos comparativos, para compreendermos melhor a necessidade de investimento em Economia do Cuidado, no Brasil, o trabalho não remunerado do setor, em 2019, representa uma economia 24 vezes maior do que a do Vale do Silício (ZIOTTO, 2022). Ademais, de acordo com informações da Organização de Inovação Social Think Olga – uma organização não

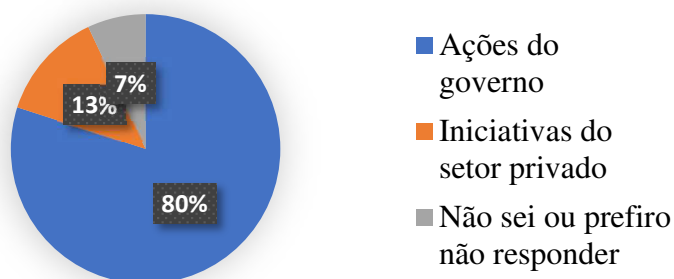
governamental que atua junto à sociedade civil -, o trabalho de cuidado, apenas no Brasil, equivale a cerca de 11% do PIB do ano de 2019. O valor é tão alto que representa mais do que o dobro de todo o famoso setor agropecuário, que recebe muito mais atenção e investimentos de governos federais e estaduais (THINK OLGA, 2020).

2.4 A importância de políticas públicas nacionais voltadas para o cuidado

Em 2019 foi realizada uma pesquisa para uma possível Política Nacional do Cuidado, organizada pelo DataSenado e por um time de senadores de partidos políticos diversos. O objetivo do estudo era confirmar a importância de políticas públicas relacionadas ao cuidado entre pessoas com deficiência, pessoas com doenças raras e idosos (Gráfico 2).

Pessoas que necessitam de cuidadores geralmente são idosos, pessoas com doenças raras e pessoas com deficiência. Não existem estimativas confiáveis do número de cuidadores de pessoas com doenças raras e de pessoas com deficiência no Brasil. Contudo, dados informam que a profissão de cuidador de idoso é a que mais cresce no Brasil. Entre 2004 e 2017, de acordo com o Ministério da Economia, o número desses profissionais aumentou de 4.313 para 34.051. Esse cenário se deve a uma mudança demográfica fundamental no país: além do crescimento da população de idosos, o aumento da expectativa de vida tem permitido que eles vivam por mais tempo. O Brasil tem mais de 28 milhões de pessoas com 60 anos ou mais, o que representa 13% da população. Esse percentual tende a dobrar nas próximas décadas, segundo o IBGE. (DATASENADO, 2019, p.02).

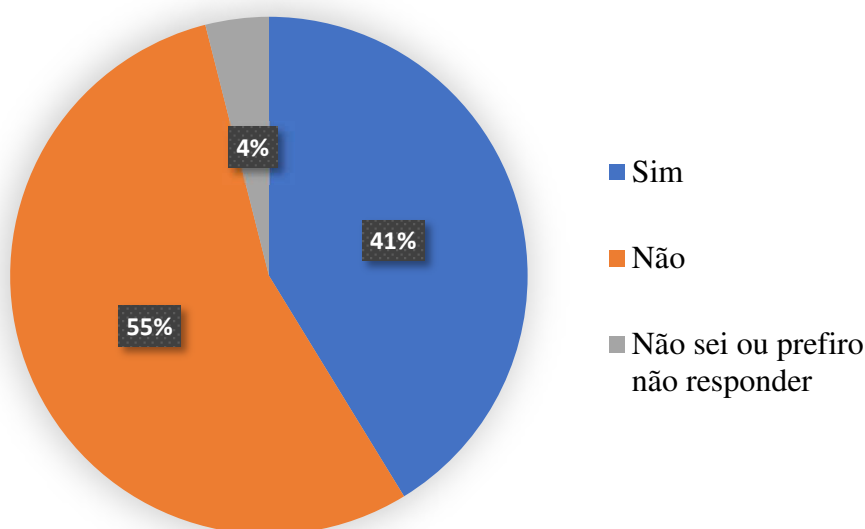
Gráfico 2 - Na ausência de familiares, quem deveria ser o principal responsável pelo cuidado com pessoas que precisam de ajuda



Fonte: Elaboração própria a partir de dados da pesquisa sobre política nacional do cuidado DataSenado (2019)

A dedicação, imposta pela sociedade e pelo próprio indivíduo deste cuidado com terceiros, muitas vezes sobrecarrega o responsável. É uma atividade cansativa e que demanda esforço diário para a continuidade do exercício. Porém, a pesquisa também revela, em seus dados quantitativos, que boa parte da população prefere não contratar ajuda profissional para uma transferência desse cuidado para uma pessoa habilitada (Gráfico 3).

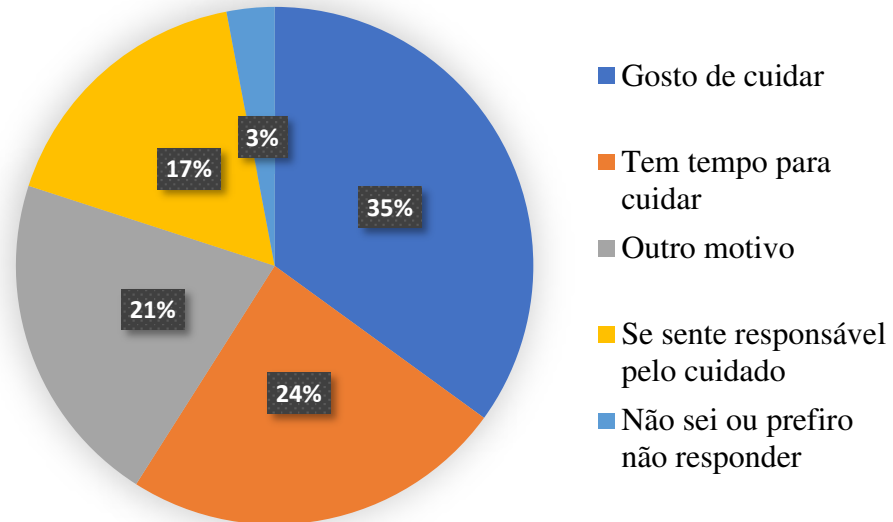
Gráfico 3 - Você gostaria de contratar um profissional para cuidar de uma pessoa dependente?



Fonte: Elaboração própria a partir de dados da pesquisa sobre política nacional do cuidado DataSenado (2019)

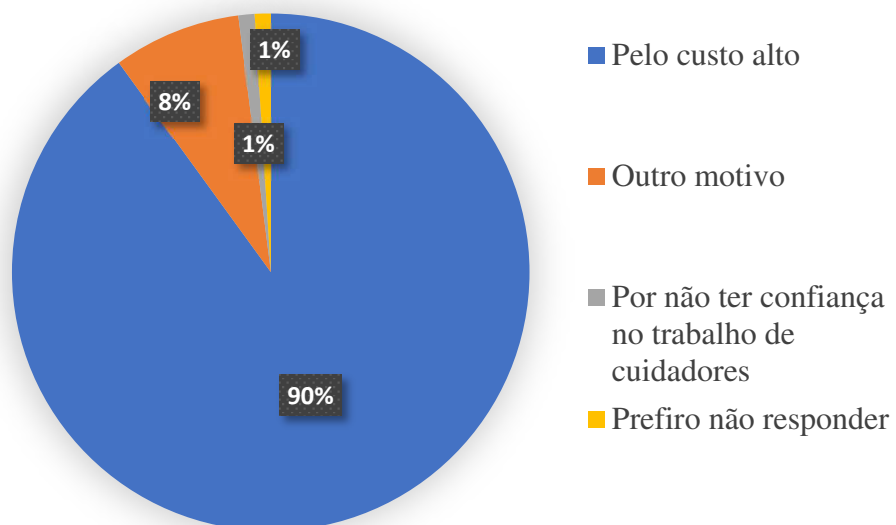
Apesar da maioria responder negativamente, o principal motivo para que as pessoas não queiram terceirizar o cuidado é pelo alto custo para a contratação (Gráfico 5). Ademais, especialmente entre as mães e responsáveis por menores de idade e outros tipos de dependentes, também chama a atenção a falta de confiança no trabalho de cuidadores, que poderiam ser insuficientes em termos de cuidado ou, até mesmo, maltratar os pacientes. Desta forma, mesmo reconhecendo a sobrecarga causada pelos trabalhos de cuidados, há um receio de transferir esta responsabilidade para terceiros (Gráfico 4).

Gráfico 4 - Motivo para não contratar um profissional para cuidar da pessoa deficiente



Fonte: Elaboração própria a partir de dados da pesquisa sobre política nacional do cuidado DataSenado (2019)

Gráfico 5 - Qual o principal motivo para não ocorrer a contratação de um profissional?



Fonte: Elaboração própria a partir de dados da pesquisa sobre política nacional do cuidado DataSenado (2019)

Com a pandemia do coronavírus, SARS-CoV (COVID-19), o Brasil iniciou as primeiras discussões sobre a melhoria de políticas públicas relacionadas ao cuidado na Câmara dos Deputados, por volta de abril de 2021, quando foi inserida a possibilidade de uma implementação na melhoria de qualidade de vida para um envelhecimento saudável da população.

As políticas públicas para o envelhecimento saudável devem levar em conta os impactos da Covid-19 sobre a população idosa, que vão do número significativo de óbitos à queda na expectativa de vida e à revelação das debilidades dos sistemas de saúde. (AGÊNCIA CÂMARA DE NOTÍCIA, 2021, p. 04)⁸

Já em 2022, a deputada federal Carmen Zanotto (Cidadania-SC) propôs o Projeto de Lei Complementar 192/21. O argumento que pauta o projeto é que incontáveis mulheres sacrificam ou não dão prioridade às suas carreiras para o cuidado de pessoas dependentes, sejam elas filhos ou outros familiares. A proposta, segundo o projeto, seria a de incluir a mulher como uma espécie de cuidadora informal, ou seja, não remunerada e não reconhecida como profissional da saúde, e atendentes pessoais como dependentes de segurados idosos ou com deficiência do Regime Geral de Previdência Social (RGPS). Desta forma, seria possível a inclusão de direito à pensão por morte.

O texto em análise na Câmara dos Deputados considera cuidadora informal a mulher, membro ou não da família, que tenha assistido ou prestado cuidados básicos essenciais, sem remuneração, por pelo menos dois anos, ao segurado idoso, excluídos procedimentos identificados com profissões legalmente estabelecidas. A atendente pessoal tem as mesmas características, mas presta os cuidados à pessoa com deficiência. (AGÊNCIA CÂMARA DE NOTÍCIA, 2022, p. 03).

Apesar do cuidado ser um assunto que roda o mundo há mais de duas décadas, só agora é possível ver os primeiros sinais de movimentação nacional sobre o caso e entender a importância que políticas públicas acessíveis podem fazer a diferença para o bem-estar do próximo.

⁸ Pesquisa realizada em 14/10/2022 com as palavras-chave: política do cuidado e foram encontrados, aproximadamente, 24.300 resultados

3 DADOS ESTATÍSTICOS NACIONAIS SOBRE A ECONOMIA DO CUIDADO

Neste capítulo serão demonstrados as estatísticas e os casos empíricos sobre a Economia do Cuidado no Brasil e no mundo. Entre os pontos abordados, estão quantos homens e mulheres se dedicam a tarefas domésticas, quantos lares são administrados por mulheres, segundo o IBGE, além da evasão de artigos publicados por pesquisadoras durante o período da pandemia da COVID-19.

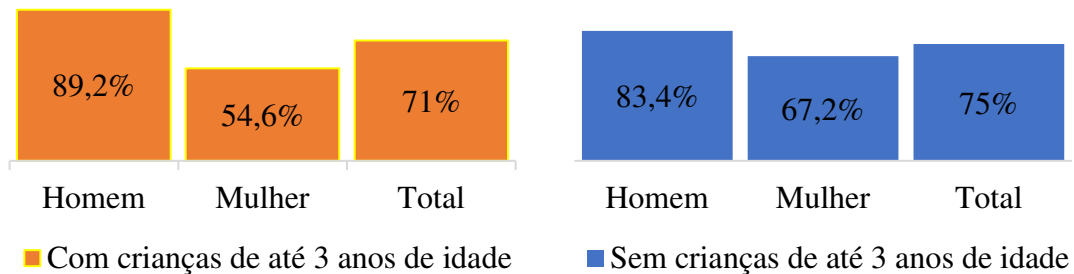
3.1 Gênero e Economia do Cuidado

O IBGE divulgou, em 2021, com dados acumulados ainda em 2019, uma nova pesquisa sobre a correlação entre gênero e economia de cuidado. Afinal, o conhecimento popular demonstra que as mulheres são mais identificadas com o tema do que os homens, de maneira geral. Para levantar os números, os pesquisadores consideraram a quantidade de crianças e adolescentes nas residências, a ocupação das mulheres no mercado de trabalho, além do impacto que o trabalho e o cuidado com os afazeres domésticos causam diariamente na vida da mulher brasileira. A série histórica de tabelas, que foram divulgadas entre 2016 e 2019, podem ser conferidas nas últimas páginas desta pesquisa.

Ao analisar o indicador nível de ocupação de pessoas de 25 a 49 anos, nota-se que a presença de crianças com até três anos de idade, que compartilham o domicílio com essas pessoas, é uma característica determinante para ocupação do gênero feminino no mercado de trabalho tradicional. Levando em consideração a População em Idade de Trabalhar (PIT), as mulheres responsáveis por crianças nessa faixa etária representam 54,6%, ficando abaixo dos 67,2% das pessoas do gênero feminino que não são responsáveis por esse grupo em questão.

Por outro lado, o nível de ocupação dos homens é superior ao das mulheres nas duas situações supracitadas. Inclusive, o nível também é maior entre os homens responsáveis por crianças com até três anos de idade, que vivem sob o mesmo teto. Nesta situação em específico, a diferença para as mulheres chegou a 34,6% no ano de 2019 (Gráfico 6).

Gráfico 6 - Nível de ocupação das pessoas de 25 a 49 anos de idade, no Brasil em 2019, com ou sem crianças de até 3 anos vivendo no domicílio (%)



Fonte: Elaboração própria a partir de dados do IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2019.

Desta forma, é possível notar que o maior envolvimento no trabalho não remunerado, sobrecarregando as mulheres, explica o porquê de as pessoas do gênero feminino estarem com uma representatividade menor no mercado de trabalho formal. Ao considerar o indicador número de horas semanais dedicadas às atividades de cuidados de pessoas e/ou afazeres domésticos, diferenciando apenas o sexo, segundo idade e localização geográfica, é possível igualar gênero e proporcionar o empoderamento de todas as mulheres e meninas. Ademais, faz-se importante dar visibilidade a esta forma de trabalho, reconhecendo a carga que ele possui fora do mercado formal (IBGE, 2021).

A maior dedicação aos cuidados com pessoas e aos afazeres domésticos impactam na proporção e na forma da inserção das mulheres no mercado de trabalho formal, segundo os dados da pesquisa. Isso porque, para conseguir realizar os trabalhos não remunerados e, ainda assim, ter independência financeira, pessoas do gênero feminino tendem a aceitar ocupações com carga horária reduzida.

Ao ampliar o quadro, é possível perceber que, levando em consideração o recorte por cor ou raça, as mulheres pretas ou pardas estavam ainda mais presentes em ocupações de tempo parcial, totalizando 32,7% do total. Já entre as mulheres brancas, apenas 26% estavam em empregos com uma carga horária reduzida. Quando se consideram as regiões do Brasil, o Norte (39,2%) e o Nordeste (37,5%) destacam-se dentro deste quadro, com as maiores proporções de mulheres ocupadas em trabalho parcial (CABRAL, 2021).

Em 2019, 146,7 milhões de pessoas, correspondente a 85,7% da população, realizaram afazeres domésticos no Brasil, com significativa participação das mulheres (92,1%) e apenas 78,6% de homens. Em comparação com 2018, entretanto, houve expansão para os homens de 0,4 ponto percentual - a taxa era 78,2% em 2018 -, enquanto as mulheres permaneceram estáveis

(92,2% em 2018). O total de pessoas que se dedicavam a afazeres domésticos no país aumentou em 1,6 milhão de um ano para o outro (GANDRA, 2020).

Analisando a média de horas dedicadas aos afazeres domésticos e/ou cuidados de pessoas, que muitas vezes podem ser feitos simultaneamente, como cozinhar e monitorar o filho, por exemplo, o que se percebe é que os homens dedicam 11 horas semanais, enquanto, em média, as mulheres atuam nestes cuidados por 21 horas.

Tabela 1 – Taxa de realização de tarefas de cuidados de moradores do domicílio, por sexo e nível de instrução das regiões do Brasil– 2016 a 2019

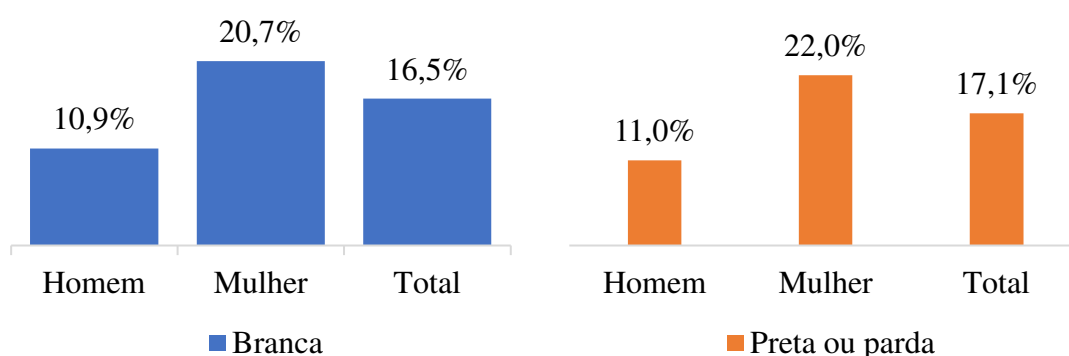
Variável - Taxa de realização de tarefas de cuidados de moradores do domicílio (%)									
Grande Região	Nível de instrução	Ano x Sexo							
		2016		2017		2018		2019	
		Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
Norte	Sem instrução e fundamental incompleto	22,6	37,5	26,7	41,7	28,1	41,3	25,1	36,7
	Fundamental completo e médio incompleto	24	42,6	32,3	50,5	31,8	47,2	30,1	45
	Médio completo e superior incompleto	26,1	41,1	33,8	47,2	34,9	48,3	29,6	44,4
	Superior completo	28,3	34,4	33,8	41,7	34,5	40,6	31	36,3
Nordeste	Sem instrução e fundamental incompleto	18,1	31,9	21,5	35,2	21,7	33,6	20,9	32,5
	Fundamental completo e médio incompleto	19,7	38,6	26	43	26,8	43,3	25,4	41,6
	Médio completo e superior incompleto	22,8	36,3	27,7	41,2	27,5	41,4	27,7	41,1
	Superior completo	23,8	31	27,2	33,2	30,3	35,4	28,1	34,8
Sudeste	Sem instrução e fundamental incompleto	17,7	24,2	21,7	27,9	21,8	27,5	20,8	26,4
	Fundamental completo e médio incompleto	21,5	33	27,2	38,8	27,8	39,1	27,3	39,5
	Médio completo e superior incompleto	23,1	34,1	28	40,1	27,5	37,9	28,4	38,8
	Superior completo	22,6	28,3	28	33,1	27,2	32,1	27,1	31
Sul	Sem instrução e fundamental incompleto	18,8	23,9	21,7	27,2	20,9	25,6	20,6	25,8
	Fundamental completo e médio incompleto	24,8	35,9	28,8	40,1	28,9	40	26,8	38,1
	Médio completo e superior incompleto	24,9	34,7	27,5	37,2	28,9	37,8	28,1	37,8
	Superior completo	26,8	30,6	29,3	33,4	28,4	34,1	28,5	32
Centro-Oeste	Sem instrução e fundamental incompleto	19,7	29,1	22,6	29,1	22,4	28,7	22,7	29,1
	Fundamental completo e médio incompleto	23,1	37,4	27,8	42,3	28	41,7	30,6	40,2
	Médio completo e superior incompleto	25,1	36,3	28,7	39,4	29,1	40	27,6	38
	Superior completo	25,4	31,3	31,5	37	32,4	35,8	29,6	36,2

Fonte: IBGE - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua Anual - 5ª visita

A tabela 1 demonstra o período de 2016 a 2019 em todas as regiões do Brasil, comparando homens e mulheres com níveis de instruções diferentes. No Brasil, em 2019, as mulheres dedicaram aos cuidados de pessoas ou afazeres domésticos quase o dobro de tempo que os homens, 21,4 horas contra 11 horas, respectivamente.

Embora na região Sudeste as mulheres dedicassem mais horas a estas atividades, cerca de 22 horas, a maior desigualdade se encontrava no Nordeste. O recorte por cor ou raça indica que as mulheres pretas ou pardas estavam mais envolvidas com os cuidados de pessoas e os afazeres domésticos, com o registro de 22 horas semanais em 2019, aproximadamente 21 horas para mulheres brancas. Para os homens, contudo, o indicador pouco varia quando se considera a cor ou raça ou região.

Gráfico 7 – Brasil: Média de horas semanais dedicadas a cuidados de pessoas e/ou afazeres domésticos por pessoas de 14 anos ou mais, dividido por cor ou raça - 2019



Fonte: Elaboração própria a partir de dados do IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua 2019.

Além da carga inconsciente imposta pela mulher e/ou pela sociedade em geral, outro fato relevante para essa diferença entre os gêneros é a renda que impacta no nível da desigualdade entre as mulheres na execução do trabalho doméstico não remunerado, uma vez que permite acesso diferenciado ao serviço de creches e à contratação de trabalho doméstico remunerado, possibilitando a delegação das atividades de cuidados de pessoas e/ou afazeres domésticos, sobretudo a outras mulheres (IBGE, 2021).

Em 2019, as mulheres receberam 77,7% ou pouco mais de $\frac{3}{4}$ do rendimento dos homens. A desigualdade de rendimentos do trabalho era maior entre as pessoas inseridas nos grupos ocupacionais que auferem maiores rendimentos, como diretores e gerentes e profissionais das ciências e intelectuais, grupos nos quais as mulheres receberam, respectivamente, 61,9% e 63,6% do rendimento dos homens. Esse mesmo comportamento foi observado na desagregação

espacial, visto que as maiores desigualdades estavam nas grandes regiões com os rendimentos médios mais elevados, como as regiões Sudeste e Sul, onde as mulheres recebiam, em média, 74,0% e 72,8%, respectivamente, do rendimento dos homens. Nas regiões Norte e Nordeste, onde os rendimentos médios foram mais baixos para homens e mulheres, as desigualdades eram menores (IBGE, 2021).

As mulheres trabalham, em média, três horas por semana a mais do que os homens, combinando trabalhos remunerados, afazeres domésticos e cuidados de pessoas. Mesmo assim, e ainda contando com um nível educacional mais alto, elas ganham, em média, 76,5% do rendimento dos homens. Essas e outras informações estão no estudo de Estatísticas de Gênero, divulgado pelo IBGE.

Vários fatores contribuem para as diferenças entre homens e mulheres no mercado de trabalho. Por exemplo, em 2016, as mulheres dedicavam, em média, 18 horas semanais a cuidados de pessoas ou afazeres domésticos, 73% a mais do que os homens. Essa diferença chegava a 80% no Nordeste. Isso explica, em parte, a proporção de mulheres ocupadas em trabalhos por tempo parcial, de até 30 horas semanais, ser o dobro da de homens (28% das mulheres ocupadas contra 14% dos homens).

Mesmo trabalhando mais horas, a mulher segue ganhando menos. Apesar da diferença entre os rendimentos de homens e mulheres ter diminuído nos últimos anos, em 2016 elas ainda recebiam o equivalente a 77% dos rendimentos dos homens. Uma combinação de fatores pode explicar essa diferença. Por exemplo, apenas 39% dos cargos gerenciais eram ocupados por mulheres; essa diferença aumentava com a faixa etária, indo de 43% de mulheres em cargos de chefia no grupo até 29 anos de idade até 32% no grupo de 60 anos ou mais (PERET, 2018).

3.2 Mulheres chefes de família

Ser chefe de família significa ser a pessoa que mantém a casa financeiramente, que centraliza todas as receitas e despesas em uma só mão para controlar as finanças da residência. Essa foi uma atribuição designada para o homem durante muitos anos e, ultimamente, esse papel vem se invertendo quando as mulheres começaram a ter uma participação ativa e

relevante no sustento da casa e dos filhos.

De acordo com informações divulgadas nas pesquisas anuais do IBGE, no ano de 1950, no Brasil, 12% dos lares já possuíam mulheres como chefes de família. Cinquenta anos depois, esse índice aumentou para 26%, para 35%, em 2009. Segundo dados calculados pelo IBGE, entre 2014 e 2019, aproximadamente 10 milhões de mulheres tomaram responsabilidade com o posto de chefe de família (D'OR, 2021).

A mulher preenchia o seu tempo com os afazeres domésticos, o que demonstra o quanto ela trabalhava mais do que o homem, embora seu trabalho não fosse reconhecido e valorizado, porque permanecia ignorado e excluído pela sociedade. Porém, em decorrência das mudanças ocorridas na sociedade, a mulher assume uma nova postura e deixa o recinto familiar e parte para conquistar espaços no mercado de trabalho, assumindo assim uma jornada dupla (SANTANA, 2010).

Quanto ao trabalho remunerado da mulher, por mais secundário que seja seu lugar na família, o fato é que ela frequentemente trabalha, ainda que intermitentemente, dividindo com os filhos as entradas e saídas do mercado de trabalho, de acordo com as necessidades e possibilidades da família. Diante do fato histórico de que a mulher pobre sempre trabalhou [...], o trabalho feminino inscreve-se na lógica de obrigações familiares e é motivado por ela, não necessariamente rompendo seus preceitos e não obrigatoriamente configurando um meio de afirmação individual para a mulher. (SARTI, 1994, p. 99).

Para conhecer um pouco mais sobre a trajetória das mulheres no mercado de trabalho é importante entender que a primeira conquista veio com a obtenção de direitos como cidadã, principalmente em questões políticas, em seguida veio a aderência ao mercado de trabalho. Vale evidenciar que mesmo tendo predisposição para desempenhar a atividade que quiser, a mulher ainda passa por críticas de barreira social e é necessário se esforçar mais do que os homens, principalmente em atividades "masculinizadas", isso faz com que seu espaço no mercado de trabalho, apesar de ter crescido nos últimos anos, ainda seja reduzido (SANTANA, 2010).

Mesmo com todas as dificuldades advindas da sociedade, a mulher tem papel de destaque em ser chefe de família conforme os ajustes que estão sendo feitos no mercado de trabalho em geral, nas necessidades financeiras dos grupos familiares, que são os mais atingidos principalmente para as mulheres que possuem dependentes. Não importa a classe social e em qual lugar do mundo a mulher resida, ela vai conseguir se sobressair na nova dinâmica de mercado. Para o núcleo feminino que ainda permite ser influenciado pelo pensamento limitante da sociedade, infelizmente, acaba assumindo um trabalho informal precarizado e mal remunerado por necessidade (SANTANA, 2010).

3.3 A trajetória feminina no mundo acadêmico durante o pico da pandemia da COVID-19

Se a sobrecarga de trabalho para as que são mães é evidente e deve ser reconhecida pela comunidade científica – e também pelas agências de fomento –, é preciso destacar que as associações diretas entre gênero e maternidade podem reforçar uma leitura naturalista sobre as desigualdades de gênero na ciência que, no limite, faz equivaler professores e pesquisadores homens a pares mulheres sem filhos. Ao associar a desigualdade de gênero à maternidade, o efeito social, político e prático é reduzir a multiplicidade de relações de poder que constituem a vida social das mulheres e que produzem a ideia do que é ser mulher e limitar a apenas uma dessas facetas o alcance de reivindicação pela igualdade de gênero. (CASTRO e CHAGURI, 2020, p. 24).

Levando em consideração o que já foi demonstrado até aqui, é possível perceber que o cuidado, em geral, acaba sendo responsabilidade feminina não importa se está ou não no mercado de trabalho. Durante a pandemia da COVID-19, na qual o *home-office* e o EAD (Ensino a Distância) tornaram-se comuns, casa e trabalho passaram a andar de mãos dadas da noite para o dia. Para as mulheres inseridas na comunidade acadêmica, onde sua unidade familiar é compartilhada por companheiros e filhos, demandas profissionais e pessoais foram ainda mais difíceis de serem administradas. Segundo Castro e Chaguri (2020, p. 24):

[...] as atividades da vida doméstica, como limpeza, preparo de refeições e atenção aos filhos, se confundem com as atividades com demandas variadas da vida profissional, como lecionar, orientar, ler e revisar textos, dar pareceres, redigir artigos, participar de seminários ou de reuniões administrativas em ambiente virtual, entre outras. [...] No entanto, enquanto o tempo e o espaço das atividades laborais dos homens tendem a ser preservados e respeitados, mulheres nas mesmas condições têm relatado a constância das interrupções pelas crianças e por outros membros da família, o que, no caso específico das professoras e pesquisadoras, torna impossível a concentração constante e duradoura que é exigida para o conjunto de tarefas que conformam o conteúdo de seu trabalho.

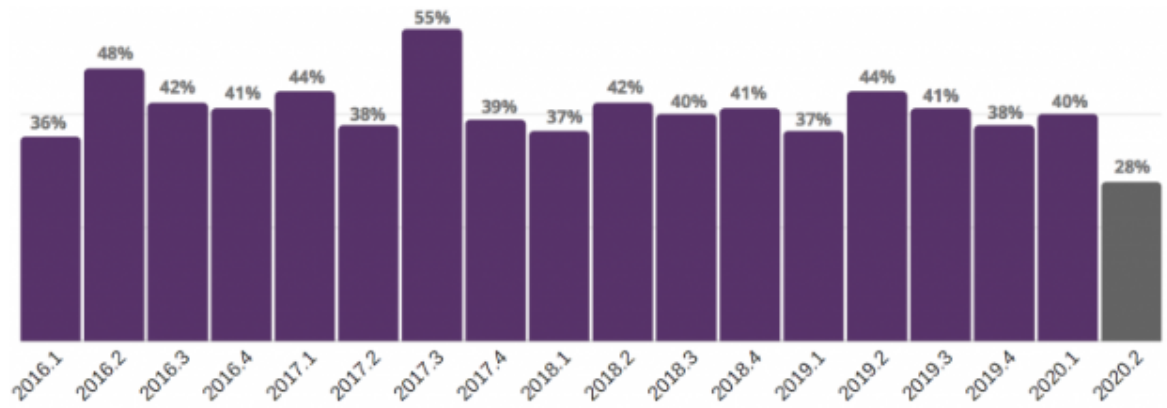
A inserção e a progressão de carreira das mulheres na academia requerem a superação de uma série de barreiras, dentre as quais as extenuantes jornadas de trabalho dentro e fora de seus domicílios compõem elemento central.

Com o objetivo de ganhar cada vez mais espaço nas discussões da sociedade atual, a publicação de artigos em revistas especializadas ganha uma maior relevância. Isso porque, no contexto de estudos, há um substantivo peso para influenciar não apenas possibilidades de empregos, mas para conquistar também uma expansão da visibilidade acadêmica e financiamentos para novos projetos. Essa relevância tem como base a importância das revistas especializadas, assinadas por pesquisadores(as), como um veículo de comunicação e autenticidade de resultados científicos. Por meio desses artigos, também é possível notar uma sub-representação feminina na autoria de textos científicos.

Um dos principais argumentos defendidos pelos editores para esta menor representação das mulheres na autoria de textos é a menor regularidade com a qual pessoas do sexo feminino submetem artigos para a avaliação em revistas. Dessa forma, com o menor envio de textos, estatisticamente falando, também há um menor número de publicações. O cenário de isolamento social, causado pela pandemia de COVID-19, parece ter elevado a sub-representação, visto que as estatísticas começam a apontar para um decréscimo ainda maior de autoras femininas nos meios científicos.

Segundo pesquisa e dados de Castro e Chaguri (2020) sobre a quantidade de autoras que assinam manuscritos para revista DADOS, a amostra utilizou dados completos desde 2016 até fevereiro de 2020. Dos textos analisados e submetidos para revista, 40,8% são de mulheres e 59,2% são de homens. Conforme demonstrado no gráfico a seguir, os pesquisadores confirmam que publicações femininas permaneceram na média de 41,5% até fevereiro de 2017. Já março do mesmo ano foi o único período no qual as publicações permaneceram acima da média, com 55%. Como era de se esperar, em fevereiro de 2020 apenas 28% das publicações foram assinadas por mulheres, o menor índice da série apresentada.

Gráfico 9 - Quantidade relativa de autores que assinam manuscritos submetidos à revista DADOS por trimestre (2016 - 2020)



Fonte: Castro e Chaguri (2020) a partir de informações da pesquisa publicada pela revista DADO

4 METODOLOGIA

Esta seção será dedicada para apresentar a metodologia de pesquisa utilizada para fins de compreensão sobre o comportamento do corpo docente da Universidade Federal do Ceará (UFC) em relação a Economia do Cuidado, se é um tema abordado no dia a dia dos entrevistados, qual gênero acaba sendo sobrecarregado com o peso da jornada dupla, principalmente em tempos de pandemia e *home-office*.

Primeiramente buscou-se entender a melhor forma de trazer para a realidade do estado do Ceará o conceito do *care* e como ele é mensurado nacionalmente, conforme apresentado nos capítulos anteriores e de acordo com a coerência do tema, viu-se necessário a aplicação de um questionário online, com o objetivo de atingir o maior número de pessoas em tempo hábil.

Para que a amostra tivesse relevância para continuidade da pesquisa, o público-alvo escolhido para representação são, em sua maioria, os professores da Faculdade de Economia, Administração, Atuária e Contabilidade (FEAAC), do Centro de Humanidades (CH). Em seguida, usou-se o método de estatística inferencial, para dedução e apresentação do resultado.

A estatística descritiva tem como objetivo “sintetizar uma série de valores de mesma natureza, permitindo dessa forma que se tenha uma visão global da variação desses valores, organiza e descreve os dados de três maneiras: por meio de tabelas, de gráficos e de medidas descritivas”, conforme apresentado por Guedes et al (2005).

Por ser sintetizadora de dados, a estatística descritiva geralmente é utilizada na etapa inicial das pesquisas, com isso é possível interpretar, resumidamente, o que está sendo apresentado e possuir uma fácil compreensão. Segundo Guedes et al (2005). “as medidas descritivas auxiliam a análise do comportamento dos dados”. Na etapa inicial é definido o problema a ser tratado por meio de questionamentos, que serão respondidos em seguida através do planejamento da distribuição da pesquisa. Em seguida faz-se necessário garimpar os dados para que possa ser utilizado um método adequado. Nesta última etapa é onde são extraídos os resultados do que foi discutido na etapa inicial.

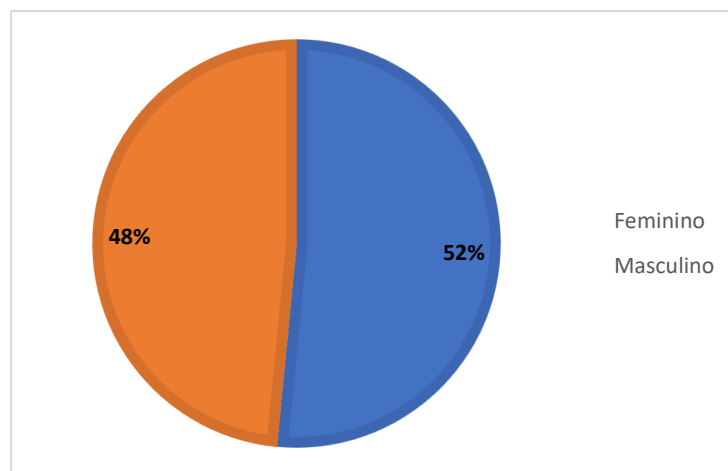
4.1 Base de Dados

A apresentação dos dados a seguir foi coletada integralmente por divulgação do questionário “Um Estudo Sobre o Comportamento de Profissionais do Ensino Superior Com Tempo Desempenhado em Cuidado Não Remunerado” por meios digitais através de e-mail institucional e com a colaboração de 97 membros do corpo docente da UFC que concordaram

em participar após o consentimento de que nenhuma informação pessoal será divulgada de forma a identificar a pessoa que respondeu às perguntas.

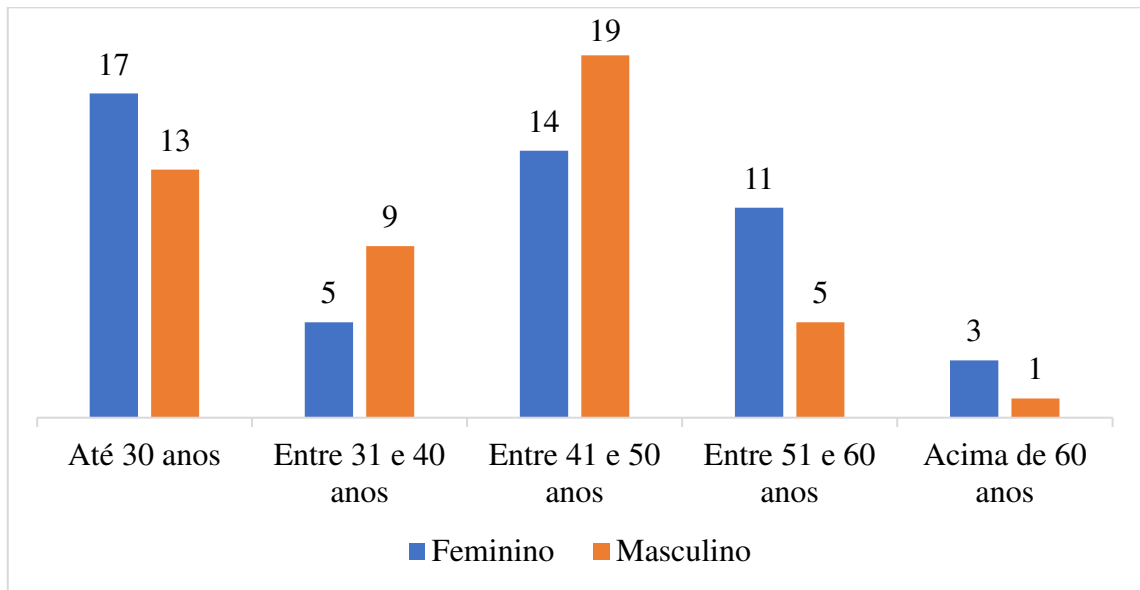
As comparações entre o gênero feminino e masculino serão feitas levando em consideração apenas as respostas dadas durante o questionário, todos os dados e tabelas demonstradas anteriormente não possuem ligação direta com as tabelas que serão demonstradas no próximo capítulo. A pesquisa possuiu uma participação de um público de 52% feminino e 48% masculino conforme gráfico a seguir (Gráfico 10).

Gráfico 9 – Participação por gênero



Fonte: Elaborada pela autora a partir dos dados coletados do questionário aplicado

A faixa etária levada em consideração para amostra foi uma média demonstrada por: até 30 anos, entre 31 e 40 anos, entre 41 e 50 anos, entre 51 e 60 anos e acima de 60 anos, no qual ficou a seguinte distribuição (Gráfico 11).

Gráfico 10 - Faixa etária dos participantes

Fonte: Elaborada pela autora a partir dos dados coletados do questionário aplicado

Foi necessário também impor a restrição para Escolaridade que ficou entre doutorado e mestrado, Cargo composto pelos títulos: Especialista, Assistente A – se Mestre, Adjunto, Associado e Titular e o curso de graduação o qual o questionado está lecionando atualmente, com a possibilidade de escolher mais de um curso. Essas restrições foram necessárias para que não houvesse falhas nas respostas do questionário.

5 RESULTADOS

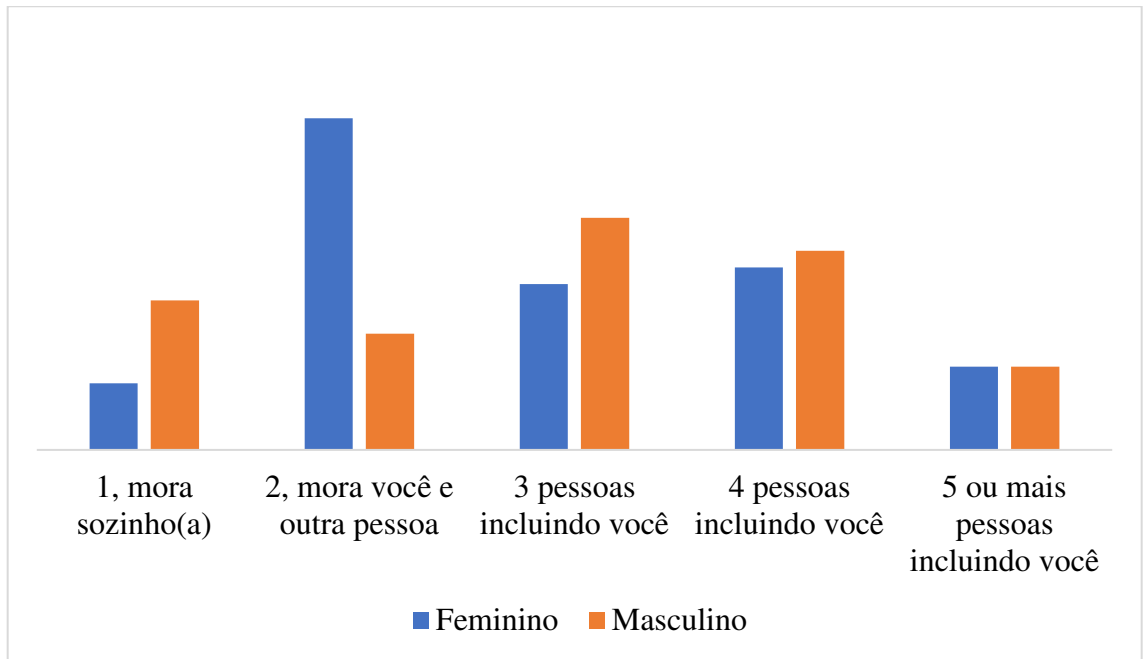
Tabela 2 - Variáveis levadas em consideração para elaboração da pesquisa

Variáveis	Gênero	
	Mulheres	Homens
Distribuição amostral (%)	52	48
Idade (%)		
Até 30 anos	18	13
Entre 31 e 40 anos	5	9
Entre 41 e 50 anos	14	20
Entre 51 e 60 anos	11	5
Acima de 60 anos	3	1
Escolaridade (média)		
Mestrado Profissionalizante ou Acadêmico	11	14
Doutorado	40	34
Cargo (média) (%)		
Titular	12	8
Associado	19	12
Adjunto	19	27
Assistente A - se Mestre	2	0
Especialista	0	1
Curso (média) (%)		
Administração	2	4
Ciências Atuariais	6	2
Ciências Contábeis	8	3
Ciências Econômicas	5	7
Finanças	1	3
Ciências Sociais	4	6
História	1	2
Letras	8	5
Letras Inglês	3	3
Psicologia	5	1
Outro	7	11

Fonte: Elaborada pela autora a partir dos dados coletados do questionário aplicado.

Quando se fala em cuidado para um adulto, logo o que vem à cabeça é o conforto e bem-estar da família e dos filhos, com isso em mente as duas primeiras questões do questionário são voltadas para membros residentes da mesma residência onde 20% das mulheres moram apenas com mais uma pessoa em sua residência, cerca de 27% das mulheres e 32% dos homens possuem mais de três pessoas morando na mesma residência (Gráfico 12).

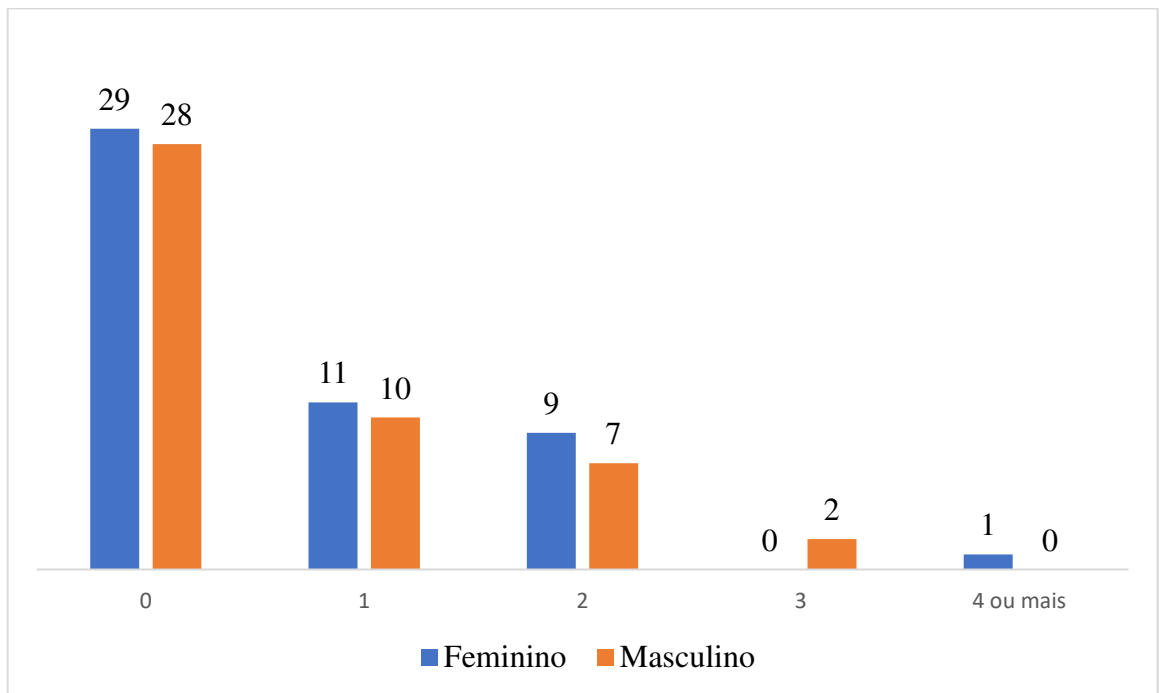
Gráfico 11 - Quantas pessoas moram na sua residência?



Fonte: Elaborada pela autora a partir dos dados coletados do questionário aplicado.

Levando em consideração o convívio diário familiar: cônjuge, filhos, familiares idosos, a questão seguinte é sobre dependentes menores de 24 anos que moram na mesma residência que os entrevistados, cerca de 22% das mulheres e 19% dos homens possuem a partir de 1 dependente, a maioria (30% das mulheres e 29% dos homens) não possuem mais ou nunca tiveram dependentes menores de 24 anos morando na mesma residência, o que, segundo a tendência da Economia do Cuidado discutida nos capítulos anteriores o grau do *care* reduz para cuidados: pessoais, com o próximo, com a casa (limpeza geral, compra de mantimentos, melhorias na residência), as prioridades são adaptadas de acordo com a realidade familiar de cada entrevistado (Gráfico 13).

Gráfico 12 - Quantas pessoas dependentes menores de 24 anos moram na sua residência?



Fonte: Elaborada pela autora a partir dos dados coletados do questionário aplicado.

Cerca de 41% dos questionados foram para a próxima seção sobre ajuda remunerada para auxiliar com os cuidados dos dependentes menores de 24 anos, apenas 5% possuem pelo menos até 1 babá (Gráfico 14).

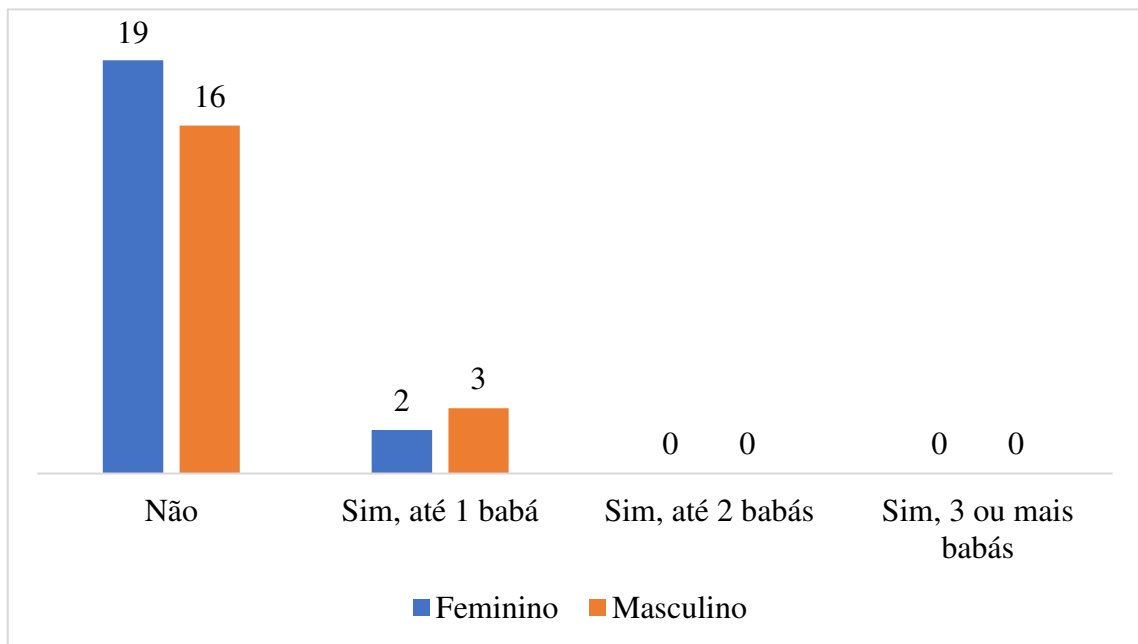
“Eu e minha esposa dividimos a maior parte das tarefas domésticas. Não tenho nenhum problema em lavar louças, limpar casa ou cuidar de meu filho. Para a limpeza mais pesada da casa, semanalmente contrato uma diarista. Confesso, porém, que essas atividades podem algumas vezes comprometer o trabalho ou o lazer com a família”

- Opinião pessoal do entrevistado.

“Não tenho rede de apoio e minha filha é pequena e ainda não está na escola. Nesse sentido, dedico muito tempo ao cuidado. Tenho que dormir pouco para conseguir realizar todas as tarefas. Já tive ajuda remunerada, mas a rotatividade é muito grande.”

- Opinião pessoal do entrevistado.

Gráfico 13 - Possui ajuda remunerada para auxiliar com os cuidados dos dependentes menores de 24 anos?



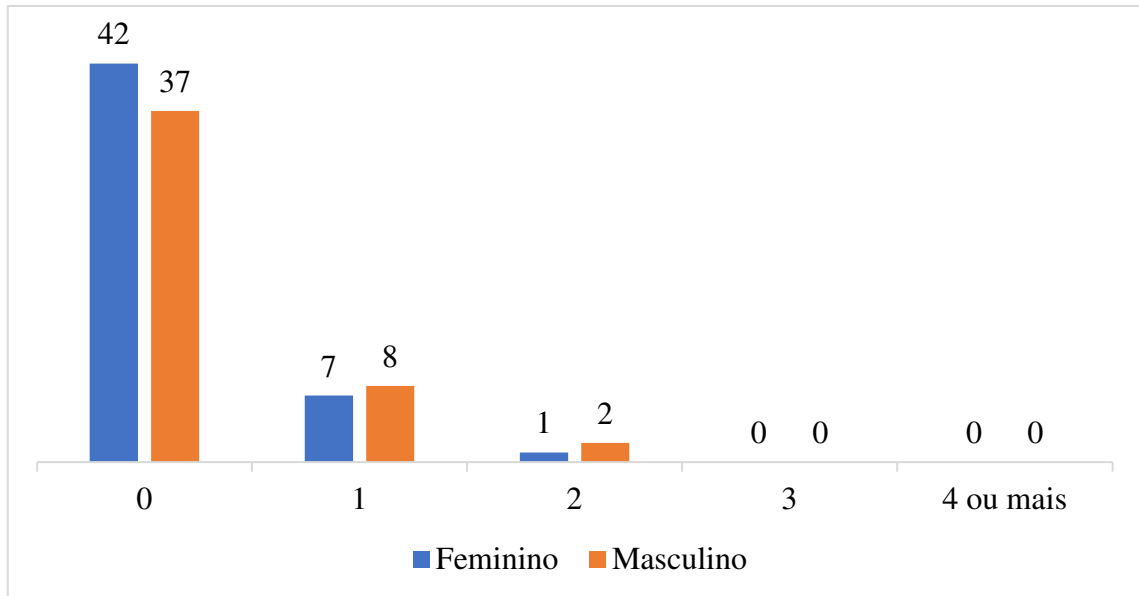
Fonte: Elaborada pela autora a partir dos dados coletados do questionário aplicado.

Ainda no âmbito familiar, o questionário começa a abordar sobre os dependentes maiores de 60 anos morando na mesma residência e as Pessoas Portadoras de Deficiência (PPDs) de todas as idades ou pessoas temporariamente vulneráveis (entre 25 e 59 anos) que precisam de atenção redobrada e cuidados específicos para ofertar o maior conforto possível à pessoa necessitada. Apesar de apenas 18% dos entrevistados se encaixarem na questão sobre dependentes maiores de 60 anos e 4% se encaixarem na questão de PPDs, o resultado ainda é relevante, pois os relatos dos entrevistados são condizentes com o que foi discutido nos capítulos anteriores (Gráfico 15).

A maioria dos respondentes não possuem ajuda remunerada para ajudar com cuidados básicos, o que dificulta ainda mais a rotina, com trabalho e o tempo empenhando em produzir conteúdo para aulas, corrigir provas e exercícios, orientar formandos, escrever artigos, envolver-se em atividades de extensão, participar ativamente dos exercícios desenvolvidos pela academia e ainda conseguir equilibrar toda essa carga com cuidados básicos com a saúde mental, relacionamentos ao redor (que podem ser prejudicados devido a abdicação de algumas atividades quando o assunto é priorizar tarefas) e até mesmo um ambiente familiar saudável, todos esses setores podem ser afetados caso não se possua o conhecimento e/ou ajuda

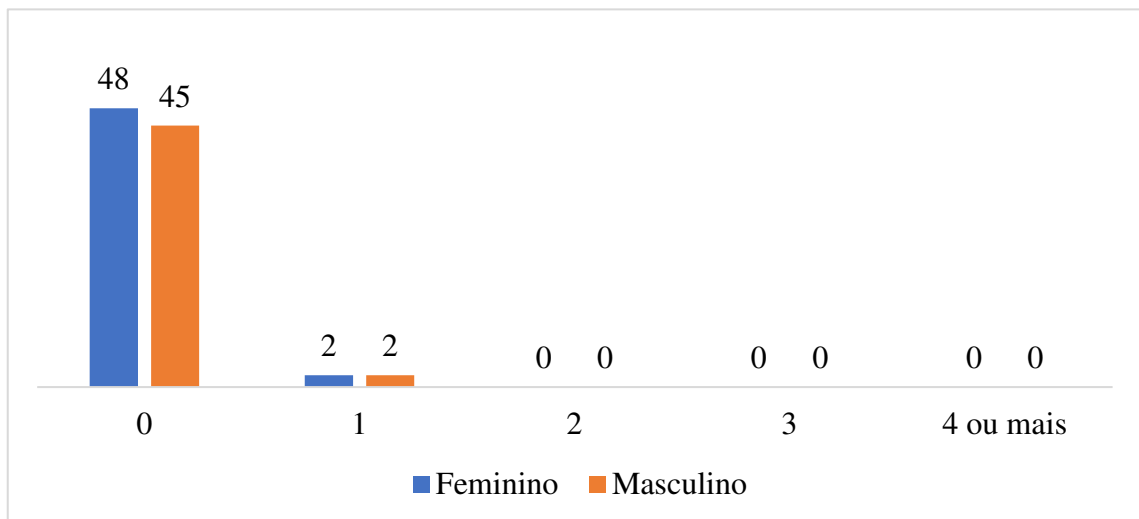
necessários para o conforto desses entes queridos.

Gráfico 14 - Quantas pessoas dependentes maiores de 60 anos morando na sua residência?



Fonte: Elaborada pela autora a partir dos dados coletados do questionário aplicado.

Gráfico 15 - Quantas PPDs (Pessoa Portadora de Deficiência - todas as idades -) ou pessoas temporariamente vulneráveis* (entre 25 e 59 anos) moram na sua residência?



Fonte: Elaborada pela autora a partir dos dados coletados do questionário aplicado.

“Estamos casados há 32 anos e não temos filhos, mas minha mãe idosa morava conosco e teve câncer e tivemos que cuidar dela durante alguns meses. Ela morreu em casa em março de 2021. Foi difícil para meu marido e eu aprendermos a cuidar de alguém. Nunca tínhamos trocado uma fralda, por exemplo, ou dado banho numa pessoa. Procurei na internet a maior parte das informações. Compramos alguns equipamentos para ajudar (cadeira para banho, colchão pneumático para evitar escadas, encostos etc). Pensamos em contratar alguém para ajudar, mas foi no meio da pandemia e havia o perigo de trazer COVID para casa. Além do mais, minha mãe dormia quase o tempo todo. Felizmente, ela não sentiu dores, não sofreu. Ela já estava em estado terminal quando descobrimos a doença. Não havia nada a fazer, apenas cuidados paliativos (até então eu sequer conhecia o termo). Foi rápido, pouco mais de 3 meses. Eu me senti cuidando dela como ela cuidou de mim quando eu era pequena. Meu marido ajudou totalmente. Eu não poderia ter cuidado da minha mãe sem ele. Aprendemos juntos, éramos muito leigos no assunto. Provavelmente passaremos por isso no nosso futuro, e então teremos que contratar alguém para cuidar da gente ou ficar num asilo. Gostaríamos de viver muito, mas com qualidade de vida.”

- Opinião pessoal do entrevistado.

Passadas as questões familiares, o questionário aborda a divisão das tarefas domésticas, e se os membros do corpo docente utilizam ajuda remunerada para praticar essas atividades básicas dentro de casa, cerca de 77% dos entrevistados, 37 mulheres e 38 homens, não possuem ajuda para auxiliar nas tarefas domésticas (Gráfico 18). Já 23% possuem ajuda remunerada e estão distribuídos de acordo com a tabela a seguir:

Tabela 3 – Distribuição de ajuda remunerada de acordo com o gênero

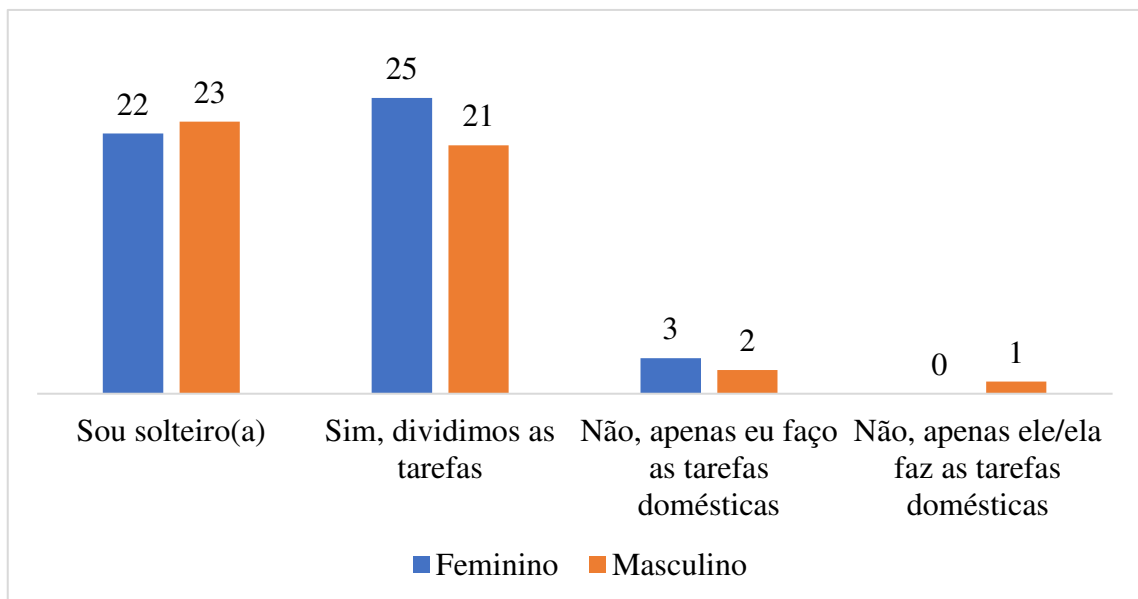
	Feminino	Masculino
Até 1 empregada doméstica/diarista	12	8
Até 2 empregadas domésticas/diaristas	2	0

Fonte: Elaborada pela autora a partir dos dados coletados do questionário aplicado

Nesse sentido, 46% dos entrevistados, não possuem parceiros(as), dos 54% que possuem parceiros(as), dividem as atividades domésticas de acordo com a representação do gráfico 17, isso leva a conclusão de que a rotina básica dentro de casa é realizada, em grande parte, pelos próprios residentes, sem utilizar serviços terceirizados ou por escolha, o que geralmente leva a um patamar de confiança com a pessoa que está realizando o serviço, ou por questões financeiras, porém é um ponto que poderia ser melhor desenvolvido pois entra em

questionamentos microeconômicos como a cesta de mercado, por exemplo, pelo perfil dos entrevistados poderia se calcular a Taxa Marginal de Substituição (TMS) entre gastar dinheiro (levando apenas para o lado financeiro e não com a psicologia da confiança) contratando esse serviço e o tempo livre que se ganharia não tendo mais que desempenhar essas atividades e a cesta ótima seria quando a curva de indiferença tangencia a reta orçamentária, mas isso foi um tópico no qual o questionário não abordou. O objetivo desde o início era entender como estava sendo feita a distribuição de atividades de cuidados dentro de casa e se as mulheres estavam sendo sobrecarregadas com essas atividades não remuneradas em paralelo com o desenvolvimento do seu papel na sociedade acadêmica, o que nos leva a concluir, até aqui, que existe distribuição com os deveres do lar para o caso de participantes que possuem parceiros(as).

Gráfico 16 - Seu/Sua parceiro(a) divide as atividades domésticas com você?



Fonte: Elaborada pela autora a partir dos dados coletados do questionário aplicado

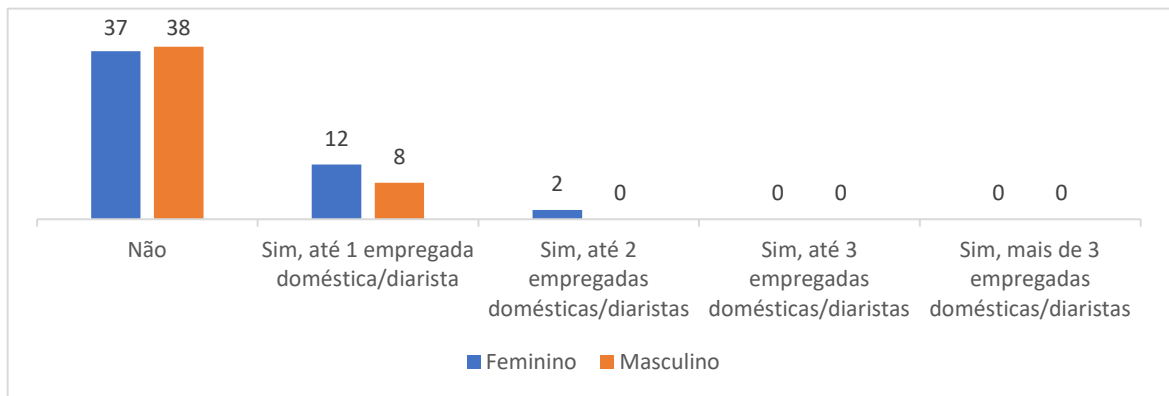
“Acredito que como mãe tenho obrigações com meus filhos, não concordo e não escolhi delegar tudo a terceiros para participar dessa etapa da minha família. Decidimos não ter babá de comum acordo, mas tenho ajuda em casa. Cansa bastante pois a carga maior é levada por mim pela maior flexibilidade do meu horário de trabalho. Eu deixo de me dedicar plenamente em atividades de trabalho por exemplo, ou faço tudo muito corrido, mas sei que é temporário. Infelizmente é um trabalho invisibilizado e não reconhecido e recebo muitas cobranças por não estar sendo 100%

em outras áreas da vida”

- Opinião pessoal do entrevistado.

Para a parcela dos entrevistados que possuem ajuda remunerada nas tarefas domésticas, cerca de 22%, os gráficos a seguir demonstram a distribuição entre os gêneros e que 8% utilizam ajuda 4 ou mais vezes por semana, essa frequência é explicada pelas questões familiares sobre os dependentes menores de 24 anos, os maiores de 60 anos e as PPDs, o que demanda uma maior necessidade de possuir um ambiente limpo para o bem-estar de todos.

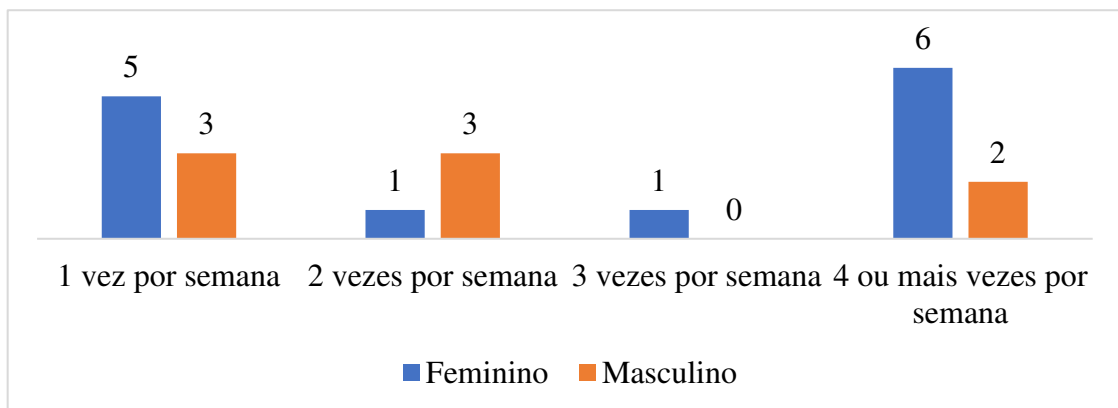
Gráfico 17 - Possui ajuda remunerada para auxiliar nas tarefas de domésticas?



Fonte: Elaborada pela autora a partir dos dados coletados do questionário aplicado

Conforme comentado anteriormente, 77% dos entrevistados, 37 mulheres e 38 homens, não possuem ajuda para auxiliar nas tarefas domésticas, o que indica uma grande rigidez do público-alvo escolhido em possuir ajudar remunerada para auxiliar nas tarefas domésticas, o que pode ser identificados por fatores como: renda, confiança e até mesmo conforto em aceitar um “estranho” organizando seu espaço pessoal.

Gráfico 18 - Com que frequência você possui ajuda remunerada para auxiliar nas tarefas de casa?



Fonte: Elaborada pela autora a partir dos dados coletados do questionário aplicado

“Minhas filhas são jovens adultas então hoje o cuidado com elas, que ainda existe, é bem mais leve que há alguns anos. Ainda tenho de transportá-las em algumas situações, ficar atenta a cuidados de saúde, acompanhá-las quando ficam doentes, ir comprar artigos pessoais, cuidar da casa, das plantas e do cachorro, cozinhar de vez em quando. Mas minha situação nesse sentido é bastante confortável porque tenho uma empregada doméstica de muitos anos e meu marido compartilha tarefas domésticas. Quando minhas filhas eram crianças e adolescentes, eu tinha bem mais trabalho. Toda a parte de saúde era comigo, assim como a aquisição de roupas e sapatos. Agora elas já marcam os próprios médicos e vão sozinhas, quando é consulta de rotina. O que ainda faço é ficar atenta para que não esqueçam de marcar e depois compro os remédios receitados. Fui incentivando a autonomia delas. Então melhorou bastante.”

- Opinião pessoal do entrevistado

A Economia do Cuidado inclui serviços domésticos e serviços que garantem a sanidade e a saúde de crianças e idosos, dentre esses podemos destacar:

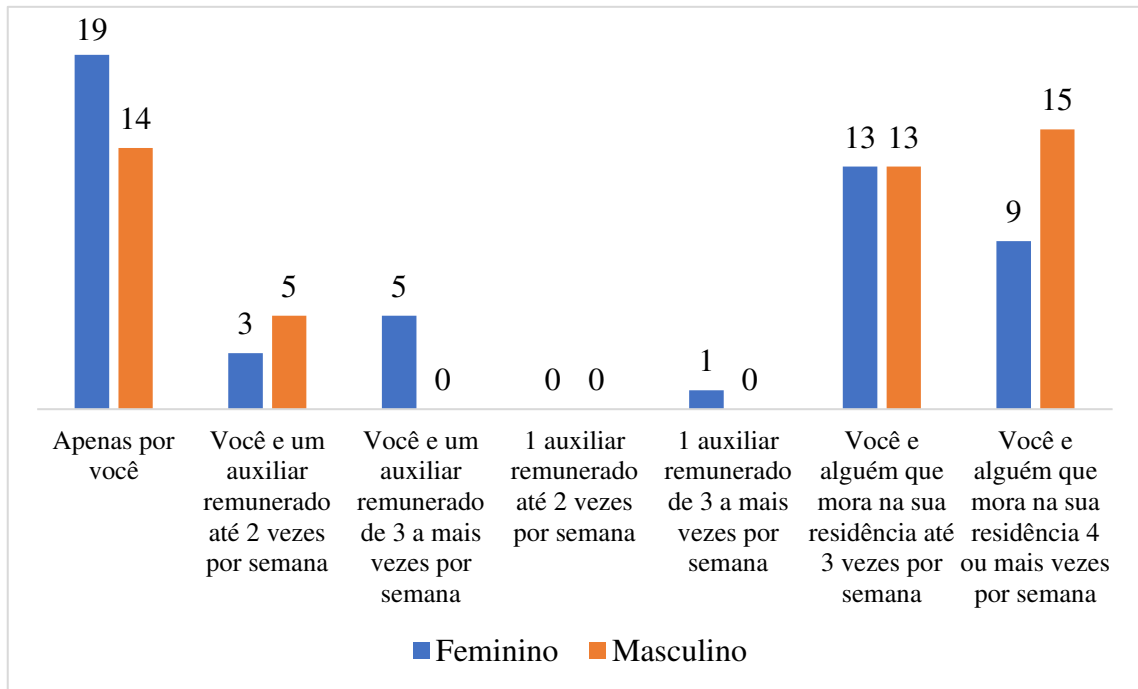
- Ajudar no dever de casa
- Levar criança à escola
- Cozinhar uma alimentação balanceada e saudável para criança e o idoso
- Dar banho
- Trocar de roupa
- Acompanhamento médico regular e especializado.
- Auxiliar na prática de atividades físicas
- Realizar compras de mantimentos.

Para as duas questões seguintes, o questionário buscou abordar os responsáveis pelo desempenho do *care* nas residências dos membros do corpo docente e também o tempo médio gasto por essas atividades. 33% dos respondentes afirmam que são os únicos responsáveis pelo desempenho das atividades, o que condiz com as respostas anteriores sobre ajuda remunerada, integrantes da mesma residência e se possui ou não cônjuge, cerca de 26% desempenham as atividades listadas com a companhia de ao menos um residente da sua casa até 3 vezes por semana.

O maior índice de tempo gasto com atividades de cuidado ficou na média ente 4 e 8 horas semanais, cerca de 34%, apenas 5% das respostas foram entre 20 e 24 horas semanais, o que condiz também com o esperado das respostas anteriores, pelo baixo índice de pessoas que possuem dependentes menores de 24 anos em casa ou maiores de 60 anos e/ou PPDs e ainda possuem ajuda para o desempenho dessas atividades, conclui-se que o tempo desempenhado

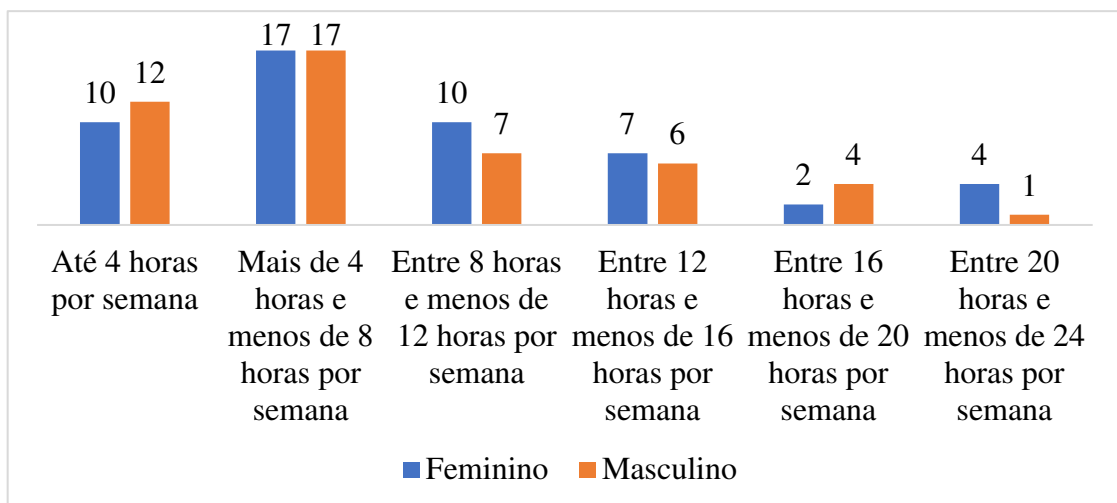
por este indivíduo, em particular, será remanejado para outras atividades além do cuidado.

Gráfico 19 - Quem é o principal responsável pela Economia do Cuidado na sua residência?

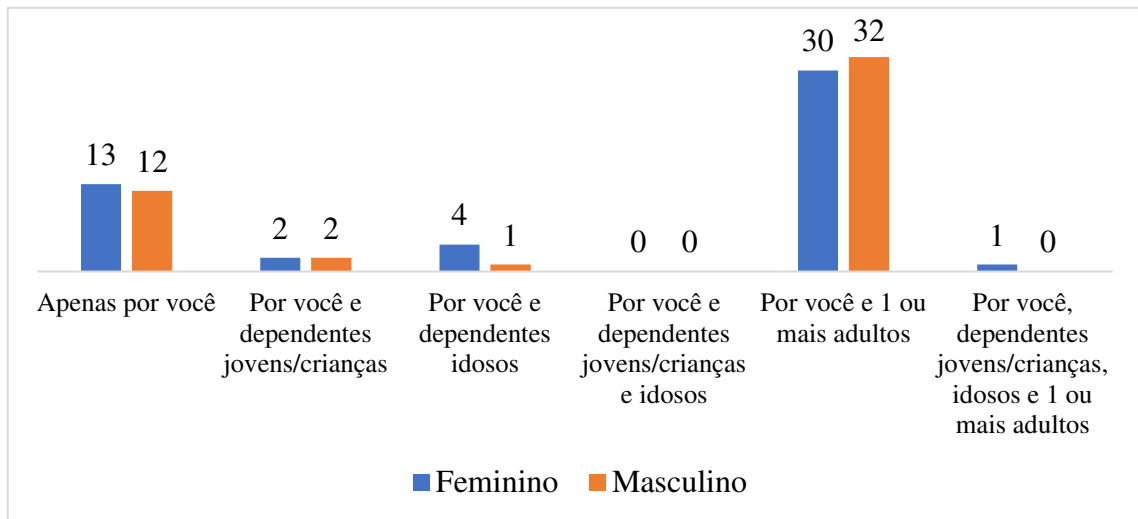


Fonte: Elaborada pela autora a partir dos dados coletados do questionário aplicado

Gráfico 20 - Quanto tempo por semana você gasta, em média, fazendo serviços domésticos não pagos?



Fonte: Elaborada pela autora a partir dos dados coletados do questionário aplicado

Gráfico 21 - As atividades não remuneradas listadas na questão anterior são desempenhadas

Fonte: Elaborada pela autora a partir dos dados coletados do questionário aplicado

“Esse cuidado não remunerado me priva de muitas coisas, como por exemplo mudar de cidade, já que minha mãe não dirige e quem a leva para todos os lugares sou eu. Deixá-la sozinha não é uma opção e às vezes me sinto presa e sobrecarrega. Isso me deixa mais ansiosa do que deveria.”

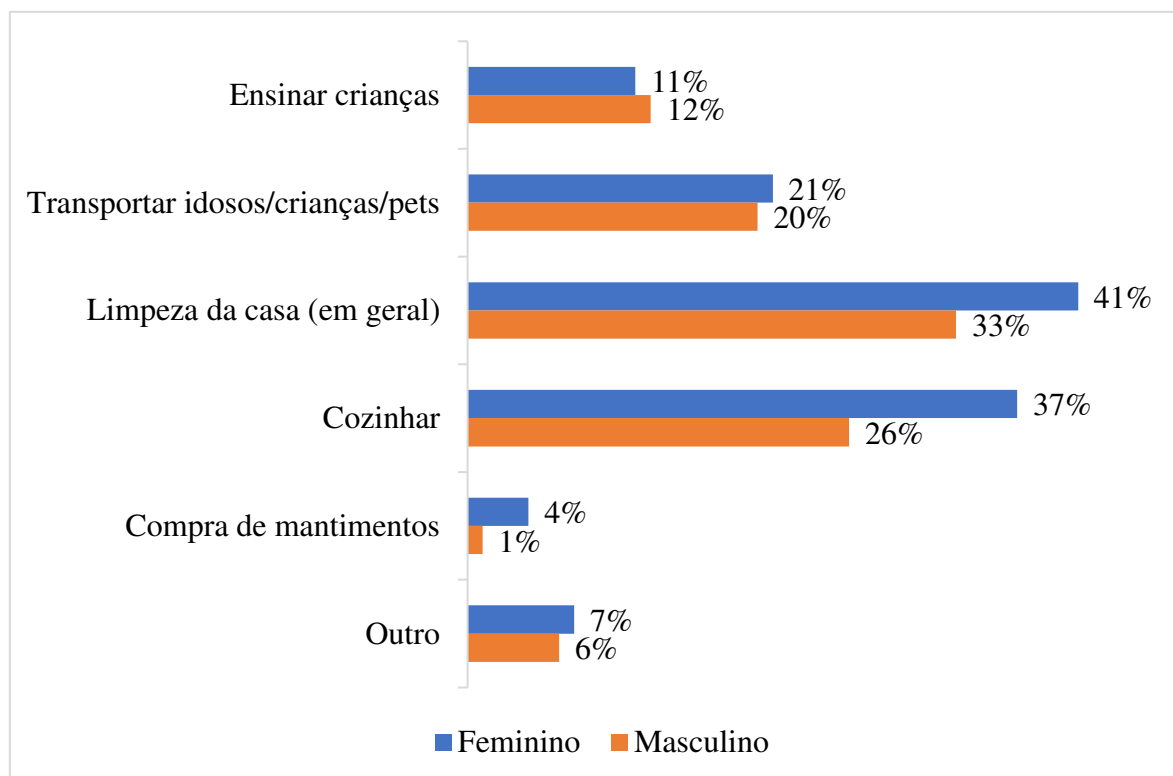
- Opinião pessoal do entrevistado.

As duas últimas questões disponibilizadas para entender o comportamento da Economia do Cuidado dos membros do corpo docente da UFC são referentes aos tipos de atividades de cuidado não remuneradas que são desempenhadas dentro e fora de casa, para amigos e parentes que necessitam de atenção e que dependem de terceiros para manter uma rotina digna. Entre as atividades desempenhadas, o maior tempo gasto está entre limpeza da casa e cozinhar, em seguida vindo transporte de idosos/crianças/pets. As atividades incluídas em Outros e propostas pelos questionados estão incluindo: lavagem de roupa, administração da casa, conserto do carro, cuidado de plantas e pets, pagamento de contas, entre outros.

E apesar de o questionário abordar cuidados do questionado para com terceiros, a última questão fala sobre cuidados pessoais, quando você, o responsável pela administração de todos os afazeres da casa, o bem-estar de familiares e amigos adocece ou encontra-se indisposto para exercer suas funções, quem é a pessoa responsável por cuidar de você? A pergunta trouxe uma surpresa nos resultados pois esperava-se que mãe ou esposa fossem o maior índice, mas entre os respondentes, 22% das mulheres afirmam que dependem do parceiro/esposo/cônjuge e

analisando o quadro geral de acordo com o nível de respostas que foram dadas desde o início faz sentido essa opção ter sido a mais votada.

Gráfico 22 - Quais atividades de cuidado não remuneradas você desempenha dentro e fora de casa?

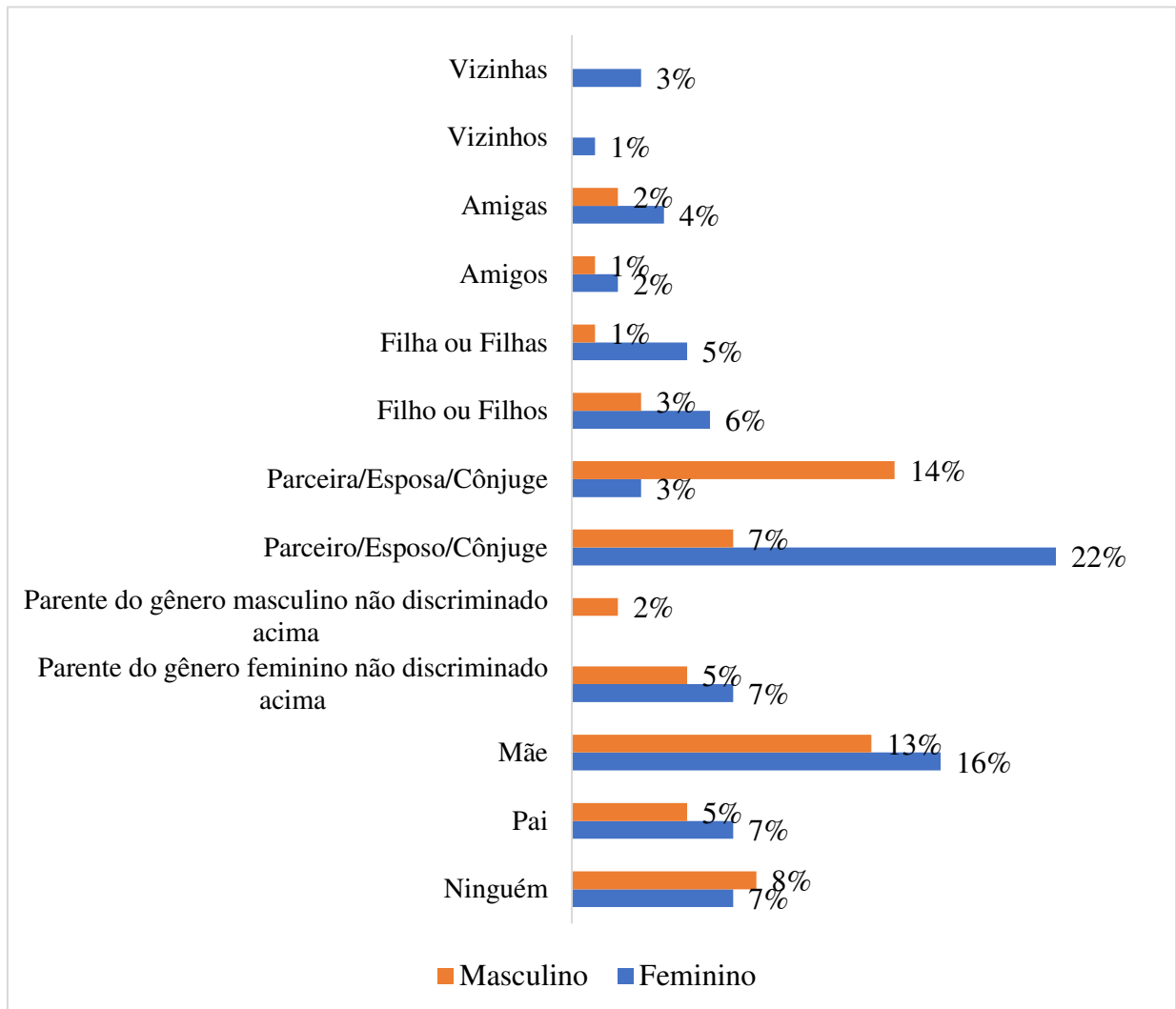


Fonte: Elaborada pela autora a partir dos dados coletados do questionário aplicado

“Eu até gosto de cuidar da minha casa, mas meu tempo é dividido entre a vida acadêmica, que exige muito tempo de dedicação com aulas na graduação e pós-graduação, reuniões, orientações de PIBIC, mestrado, doutorado entre outras demandas, e as tarefas da casa/vida pessoal. Sim, me sinto extremamente sobrecarregada. Na semana em que a diarista não vai trabalhar, mal consigo desempenhar as atividades de limpeza da casa e o simples fato de cozinhar minha própria comida.”

- Opinião pessoal do entrevistado.

Gráfico 23 - Quando você adoecer, quem desempenha as funções de cuidado não remunerado que são de sua responsabilidade em casa?



Fonte: Elaborada pela autora a partir dos dados coletados do questionário aplicado

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme apresentado durante os capítulos anteriores, economia do cuidado é um termo, relativamente, novo que pode ter uma grande influência no PIB nacional e que mudaria a forma que a população vê, atualmente, o que é o cuidado. Não é apenas com o mais velho ou com a criança, o adulto em desenvolvimento precisa se cuidar e doar cuidado diariamente de forma involuntária, conforme Fisher e Tronto (1990) definiram o passo a passo de como planejar a forma no qual o cuidado será realizado. É importante também entender a relevância que o cuidado tem para a economia internacional de acordo com os exemplos da Colômbia e do Canadá expostos durante o texto.

Não só de ajuda do próximo o cuidado é mantido, políticas públicas para divulgação, desenvolvimento e aprimoramento de acordo com exemplos internacionais são de extrema urgência, principalmente quando tempo uma expectativa de vida, no Brasil, de 72 anos, essa idade da velhice tende a aumentar com o decorrer dos anos e a taxa de natalidade diminuir.

Foi possível, também, perceber a discrepância de gênero relacionada à atividades do cuidado de acordo com dados divulgados pelo IBGE em 2021 com tempo desempenhado por homens e mulheres com atividades não remuneradas, quais regiões do Brasil e qual parcela da população, de acordo com nível de instrução, possui uma carga feminina maior comparando com dados nacionais. Outro dado interessante foi perceber, com o passar dos anos, o crescimento de mulheres chefes de família e a caída do desempenho das mulheres com publicações acadêmicas durante a pandemia da COVID-19.

Em síntese, temos o questionário aplicado com o objetivo de comprovar que as mulheres possuem uma carga maior com tarefas de cuidado do que os homens, entre os entrevistados, conclui-se que para a parcela que possui parceiro(a) ou cônjuge, as tarefas são distribuídas entre si, porém a carga de trabalho não remunerado continua sendo liderada pelas mulheres, isso é demonstrado no gráfico 17, no qual os itens “Não, apenas ela faz a tarefa doméstica”, respondido por um homem e “Não, apenas eu faço as tarefas domésticas”, respondido por três mulheres e no gráfico 23 no qual a proporção das mulheres que desempenham atividades de cuidado não remunerado, exceto ensinar crianças, é maior em todos os itens. Isto foi possível demonstrar, com os resultados apurados, que embora a amostra tenha sido pequena, o que foi

abordado nos capítulos de apresentação do *care economy* se fizeram presentes com o desfecho do questionário, as atividades de cuidado não são distribuídas de forma justa e democrática entre gêneros.

A terceirização de serviços de cuidado ainda é um tópico muito rígido e a grande maioria não possui ajuda remunerada para diminuir a pressão da jornada dupla entre o trabalho e as atividades de cuidado que precisam ser realizadas diariamente.

O mais impactante durante a leitura dos resultados da pesquisa foi a última questão do questionário, os relatos pessoais dos entrevistados reconhecem que as atividades de cuidado não são fáceis de serem executadas e não torna a rotina mais fácil, precisam ser desempenhadas e a grande maioria prefere realizar pessoalmente.

Também é revelado que políticas públicas para o cuidado são necessárias. É preciso conhecer melhor o tamanho da Economia do Cuidado, através de mensuração do trabalho remunerado e não remunerado nela envolvido. E, para uma sociedade em que mulheres possam ter melhores oportunidades de emprego, e em que, a velhice tenha um mínimo de dignidade, mais serviços públicos, como por exemplo, creches e assistência a idosos, precisam ser planejados e providos.

REFERÊNCIAS

ADDATI, Laura; CATTANEO, Umberto; ESQUIVEL, Valeria; VALARINO, Isabel. **Care work and care jobs for the future of decent work**. Genebra: Suny Press, 2018. Disponível em: https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/—dgreports/—dcomm/—publ/documents/publication/wcms_633135.pdf.. Acesso em: 20 set. 2022.

AGÊNCIA CÂMARA DE NOTÍCIA. **Comissão quer implementação de políticas públicas para envelhecimento saudável**. 2021. Reportagem - Cláudio Ferreira e Edição - Geórgia Moraes. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/752814-comissao-quer-implementacao-de-politicas-publicas>. Acesso em: 14 out. 2022.

AGÊNCIA CÂMARA DE NOTÍCIA. **Projeto garante benefícios previdenciários para cuidadoras não remuneradas de idosos ou pessoas com deficiência**. 2022. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/852528-projeto-garante-beneficios-previdenciarios-para-cuidadoras-nao-remuneradas-de-idosos-ou-pessoas-com-deficiencia/>. Acesso em: 14 out. 2022.

BARNES, Sarah B.. **Global Health & Gender Policy Brief: the global care economy. The Global Care Economy. 2022**. Disponível em: <https://www.wilsoncenter.org/publication/global-health-gender-policy-brief-global-care-economy#:~:text=The%20global%20care%20economy%E2%80%94the,economically%20valuable%20but%20globally%20undervalued..> Acesso em: 24 out. 2022.

CABRAL, Umberlândia. **Mulheres Com Crianças até Três Anos de Idade em Casa Têm Menor Nível de Ocupação**. 2021. Apresentado por Agência IBGE Notícias. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/30173-mulheres-com-criancas-ate-tres-anos-de-idade-em-casa-tem-menor-nivel-de-ocupacao#:~:text=Destaques,at%C3%A9%20tr%C3%AAs%20anos%20estavam%20trabalhando>. Acesso em: 25 out. 2022.

CASTRO, Bárbara; CHAGURI, Mariana Miggiolaro. **GÊNERO, TEMPOS DE TRABALHO E PANDEMIA: por uma política científica feminista**. Linha Mestra, [S.L.], v. 14, n. 41, p. 23-31, 8 set. 2020. Revista Linha Mestra. <http://dx.doi.org/10.34112/1980-9026a2020n41ap23-31>.

D'OR. **Mulheres chefes de família: quem são e quantas são**. 2021. Elaborado por D'Or Consultoria. Disponível em: <https://dorconsultoria.com.br/2021/03/10/mulheres-chefes-de-familia/>. Acesso em: 10 nov. 2022.

DATASENADO. **Pesquisa para uma Política Nacional do Cuidado**. Brasília: Secretaria de Transparência, 2019. 43 p.

DIAZ, Natalia Quiroga; WOSNIAK, Heloisa. **Economia do Cuidado: reflexões para um feminismo decolonial**. Revista X, [S.L.], v. 17, n. 1, p. 322, 4 mar. 2022. Universidade Federal do Paraná. <http://dx.doi.org/10.5380/rvx.v17i1.84402>.

FERNANDES, Cláudia Monteiro. **Precisamos falar sobre a economia do cuidado nas metrópoles brasileiras: reforma urbana e direito à cidade nas metrópoles. Reforma Urbana e Direito à Cidade nas Metrópoles**. 2022. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/07/07/precisamos-falar-sobre-a-economia-do-cuidado-nas-metropoles-brasileiras>. Acesso em: 20 set. 2022.

FISHER, Berenice; TRONTO, Joan. **Toward a Feminist Theory of Caring**. Minnesota: Suny Press, 1990.

GANDRA, Alana. **IBGE: mulher tem peso importante no chamado "trabalho invisível. Mulher tem peso importante no chamado "trabalho invisível. 2020**. Apresentado por Agência Brasil. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2020-06/ibge-mulher-tem-peso-importante-no-chamado-trabalho-invisivel#:~:text=A%20taxa%20de%20realiza%C3%A7%C3%A3o%20de,%25%20para%2093%2C4%25..> Acesso em: 25 out. 2022.

GILLIGAN, Carol. **In a different voice: psychological theory and women's development.** Cambridge: Harvard University Press, 1982. 184 p.

GUIMARÃES, Nadya Araujo; HIRATA, Helena Sumiko. **O Gênero do Cuidado:: desigualdades, significações e identidades.** São Paulo: Ateliê Editorial; Apoio: Capes e Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Fflch/Usf Edição, 2020. 296 p.

HIRATA, Helena; GUIMARÃES, Nadya Araujo (org.). **Cuidado e Cuidadoras: as várias faces do trabalho do care.** São Paulo: Editora Atlas S.A., 2012. 248 p.

IBGE. **POF - Pesquisa de Orçamentos Familiares.** 2015. Disponível em: https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9050-pesquisa-de-orcamentos-familiares.html?t=o-que-e&utm_source=landing&utm_medium=explica&utm_campaign=pib. Acesso em: 10 out. 2022.

IBGE. **Produto Interno Bruto - PIB.** 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/explica/pib.php>. Acesso em: 10 out. 2022.

IEL. **Comércio Exterior e Exportação no Brasil.** 2021. Disponível em: <https://www.portaldaindustria.com.br/industria-de-a-z/exportacao-e-comercio-exterior/>. Acesso em: 10 out. 2022.

LIGHTFOOT, Stephanie; ROSS, Alischa; YOUNG, Suzi. **Spotlight on the value of the care economy. 2021. Elabora por Think Impact.** Disponível em: <https://thinkimpact.com.au/insights/spotlight-on-the-value-of-the-care-economy>. Acesso em: 24 out. 2022.

OCHA, Office For The Coordination Of Humanitarian Affairs - (org.). **Changing the balance for women in the care economy.** 2022. Elabora pelo Escritório das Nações Unidas para a Coordenação de Assuntos Humanitários. Disponível em: <https://www.international.gc.ca/world-monde/stories-histoires/2022/balance-care-equilibre-domestique.aspx?lang=eng>. Acesso em: 24 out. 2022.

OIT Organização Internacional do Trabalho. **El Trabajo de Cuidados y Los Trabajadores Del Cuidado**. Genebra: Oficina Internacional del Trabajo 2019, 2019. 514 p.

OLGA, Lab Think (org.). **Economia do Cuidado: como podemos visibilizar o trabalho invisível das mulheres na economia do cuidado**. 2020. Disponível em: <https://lab.thinkolga.com/economia-do-cuidado/>. Acesso em: 20 set. 2022.

ONU MULHERES. **Trabalho de cuidados oscila entre 10 e 39% do PIB de países, considera ONU Mulheres**. 2017. Disponível em: <http://www.onumulheres.org.br/noticias/trabalho-de-cuidados-oscila-entre-10-e-39-do-pib-de-paises/>. Acesso em: 10 out. 2022.

ORTIZ, Juan José Rojas. **Care economy: an opportunity to create jobs and close the gender gap. An opportunity to create jobs and close the gender gap**. 2022. Disponível em: <https://www.weforum.org/agenda/2022/05/care-economy-gender-gap-davos22/>. Acesso em: 24 out. 2022.

PERET, Eduardo. **Mulher Estuda Mais, Trabalha Mais e Ganha Menos do Que o Homem**. 2018. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/20234-mulher-estuda-mais-trabalha-mais-e-ganha-menos-do-que-o-homem>. Acesso em: 25 out. 2022.

SANTANA, Anabela Maurício de. **Mulher Mantenedora/Homem Chefe de Família**. 2010. Itabaiana: GEPIADDE, Ano 4, Volume 8. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/forumidentidades/article/view/1781/1570>. Acesso em: 10 nov. 2022.

SARTI, Cyhthia Andersen. **A Família Como Espelho: um estudo sobre a moral dos pobres na periferia de São Paulo**. 1994. 222 f. Tese (Doutorado) - Curso de Antropologia, Departamento de Antropologia, Universidade de São Paulo, Periferia, 1994.

SILVA, Glauce Cerqueira Corrêa da et al. **A mulher e sua posição na sociedade: da antiguidade aos dias atuais**. Rev. SBPH, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 65-76, dez. 2005.

Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582005000200006&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 20 set. 2022.

STARSOFT (org.). **Indústria da Manufatura – O que é?** 2020. Disponível em:

[https://starsoft.com.br/blog/industria-da-manufatura-o-que-e/#:~:text=O%20que%20%C3%A9%20a%20Ind%C3%BAstria%20da%20Manufatura&text=Atualmente%2C%20o%20setor%20da%20ind%C3%BAstria,setor%20de%20servi%C3%A7os%20\(59%25](https://starsoft.com.br/blog/industria-da-manufatura-o-que-e/#:~:text=O%20que%20%C3%A9%20a%20Ind%C3%BAstria%20da%20Manufatura&text=Atualmente%2C%20o%20setor%20da%20ind%C3%BAstria,setor%20de%20servi%C3%A7os%20(59%25). Acesso em: 10 out. 2022.

VIECELI, Leonardo. **Projeto quer trazer ‘economia do cuidado’ para dentro do PIB**. 2022.

Disponível em: <https://diariodocomercio.com.br/economia/projeto-quer-trazer-economia-do-cuidado-para-dentro-do-pib/>. Acesso em: 10 out. 2022.

ZIOTTO, Leandro. **Você sabia que a economia do cuidado banca o seu negócio?** 2022.

Disponível em: <https://www.revistahsm.com.br/post/voce-sabia-que-a-economia-do-cuidado-banca-o-seu-negocio>. Acesso em: 10 out. 2022.